



Universidade Federal  
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores  
Unidade Acadêmica de Educação  
Campus de Cajazeiras - PB



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

O TRABALHO DOCENTE E A EDUCAÇÃO: DIFICULDADES DE  
APRENDIZAGENS DISCENTES

MARIA MAGNA LINS DOS SANTOS

CAJAZEIRAS – PB  
2017

MARIA MAGNA LINS DOS SANTOS

O TRABALHO DOCENTE E A EDUCAÇÃO: DIFICULDADES DE  
APRENDIZAGENS DISCENTES

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

CAJAZEIRAS – PB  
2017

## FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764

Cajazeiras - Paraíba

S237tSantos, Maria Magna Lins dos.

O trabalho docente e a educação: dificuldades de aprendizagens discentes / Maria Magna Lins dos Santos. - Cajazeiras, 2017.

66p.: il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Ma. Ane Cristine Hermínio Cunha.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2017.

1.Dificuldades de aprendizagem. 2.Aprendizagem. 3. Inclusão.  
4. Formação de professores. I. Cunha, Ane Cristine Hermínio. II.  
Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de  
Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU-376-056.36

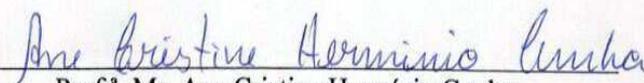
MARIA MAGNA LINS DOS SANTOS

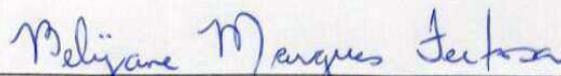
O TRABALHO DOCENTE E A EDUCAÇÃO: DIFICULDADES DE  
APRENDIZAGENS DISCENTES

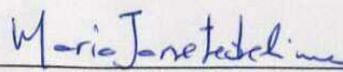
Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: 14/03/17

Banca Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Ms. Ane Cristine Hermínio Cunha  
(UAE-UFCG - Orientadora)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Ms Belijane Marques Feitosa  
(Avaliadora 1)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Ms. Maria Janete de Lima  
(Avaliadora 2)

*“O homem acrescenta  
conhecimentos sobre conhecimentos: o  
saber nunca será suficiente. Se um  
homem é maior quanto mais ele sabe, a  
mais nobre ocupação será a que  
aprende*

Padre Baltazar Gracián Morales

*Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, por ter me dado forças, sabedoria e discernimento nas horas difíceis da caminhada para continuar a jornada de estudos cotidianamente, tenho certeza que ele está comigo a todo o momento. A toda à minha família, por me ajudar concretizar esse sonho idealizado desde a minha infância.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder o dom da vida, a força, a fé, a sabedoria, o discernimento, a coragem e a perseverança para vencer os tropeços do cotidiano. Reconheço que sem ele eu nada seria.

Aos meus pais, mesmo estando em uma idade um tanto avançada e, com o cansaço espelhado no rosto, mostravam-se preocupados e ansiosos por essa realização em minha jornada.

Aos meus irmãos, que prontamente me ajudavam quantas vezes fosse necessário. Obrigada pela força, pelo carinho e pela confiança em mim depositada.

Ao meu esposo, pelo apoio, dedicação e pela compreensão dos meus distanciamentos no lar.

As minhas filhas, por acreditar no meu potencial e nos meus sonhos idealizados.

Aos amigos, por me fazer acreditar que tudo daria certo e, por entender o meu distanciamento há quase cinco anos em ocasiões relevantes, as minhas sinceras desculpas.

Aos companheiros de trabalho que fizeram parte da minha formação vocês vão continuar presentes em minha vida, ao lado deles apreendi o verdadeiro sentido da vida e, como é maravilhoso fazer parte de uma equipe de trabalho que está sempre a te ajudar, à vocês minha sincera gratidão.

Aos amigos de sala, pela companhia, colaboração e pelas tertúlias realizadas a cada fim de período, vocês farão parte do meu aprendizado sempre. Aos mais íntimos, Kátia Larissi, esta que conseguiu fazer com que a nossa amizade extrapolasse os muros da universidade. Marcela Lopes, me ajudando em tudo o que sempre precisava. Géssica Galdino, tirando dúvidas, sempre brincando e contribuindo para o meu sucesso acadêmico, vocês estiveram presente nos meus melhores momentos e, conseguiram fazer parte de muita coisa boa em minha vida.

*Agradeço* minha professora orientadora Ane Cristine, que teve paciência, dedicação, auxílio nas leituras, pelo bom humor a mim passado, por acreditar na minha capacidade e, por toda ajuda para concluir este trabalho, és um exemplo muito forte de Professora, amiga, mãe e mulher.

Ao professor Rômulo, por me fazer acreditar no impossível, quando nem eu mesma acreditava.

A professora Gerlaine, esta mulher forte, soube perfeitamente incentivar-me a buscar sempre mais e, acreditar no meu potencial.

A professora Raimunda, pelo exemplo de jovialidade, pelos abraços nos corredores da universidade e pela belíssima frase, em um desses dias de muito cansaço: *“A gente vai queimando as etapas, não! A gente vai vencendo as etapas”*.

A professora Elzanir, muito querida, amada, confiante, paciente, sábia, não tenho palavras para dizer o que representa esta professora para a minha formação enquanto pessoa e futura professora.

A professora Stella, pelo pouco tempo que estive ao seu lado percebi perfeitamente sua dedicação, seu empenho, sabedoria. Mulher de muita fibra nos seus depoimentos cotidianos em sala. Está ao seu lado é algo maravilhoso, sua companhia é simplesmente fascinante, com sua alegria irradiante.

Ao professor Loiola, pelas orientações todas as vezes que eu precisava, estava prontamente para tirar dúvidas. És também um belo exemplo de professor humilde, competente, sábio, comprometido e paciente com os seus alunos.

A professora Maria Janete, o meu sincero agradecimento, a esta que, prontamente aceitou participar da banca examinadora.

A todos os professores, direção e administração que oportunizaram a janela, que hoje, vislumbro um horizonte superior.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, tenho o privilégio enorme de saber que pude contar com todos vocês para a concretização do meu sonho, o meu muito obrigada.

## RESUMO

As dificuldades de aprendizagem é um tema amplo e interdisciplinar, que envolve questões da própria criança e que está relacionado a atuação de diversos profissionais, como pedagogos, psicólogos, fonoaudiólogo, psicopedagogo e neurologistas. Tivemos como objetivo geral analisar a percepção das professoras de uma escola filantrópica, na Cidade de Sousa, sobre os fatores relacionados ao processo de aprendizagem dos alunos. Para os objetivos específicos ficaram assim estruturados: Identificar, na visão dos professores, os fatores que interferem na aprendizagem das crianças; Analisar a percepção dos professores sobre o processo de inclusão das crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem e, por último Identificar como acontece o processo de formação continuada. Foi realizada uma pesquisa descritiva, qualitativa e de campo. Utilizamos como instrumento de coleta de dados uma entrevista semi-estruturada, contendo dez questões norteadoras. Para a construção do referencial teórico, procuramos enfatizar a perspectiva de que as dificuldades de aprendizagem, embora sejam determinadas por fatores neurológicos, podem ser agravados por problemas sociais, emocionais, afetivos e serem fortemente prejudicados pela metodologia de ensino utilizada. Os autores que utilizamos predominantemente foram, Sisto (2001) e Sánchez (2004). Estes autores defendem que as dificuldades de aprendizagem podem ser compensadas com a ajuda psicopedagógica. Em seguida uma breve discussão sobre a aprendizagem seguindo a abordagem construtivista de Piaget (1987), e nas definições de Campos (1986), nas concepções de Pfromm (1987), que afirmam que a aprendizagem é um processo gradual, durante toda a vida. Também abordamos a perspectiva da educação inclusiva em Mantoan (2006), e finalmente a formação continuada em Imbérnom (2006), que discuti a necessidade do professor estar buscando formações continuamente. Os dados apresentados estão em forma de quadros e analisados de forma descritiva. Com base no referencial e a partir das análises realizadas, percebemos que os professores reconhecem que necessitam de ter metodologias voltadas para a aprendizagem dos alunos, mas que quando estes não aprendem a culpa é tão somente deles, e quando tudo está bem o professor é o responsável pelo sucesso alcançado, os mesmos relatam que as crianças são lentas, dispersas e não tem vontade de aprender, culpando também a família pelo fracasso escolar. Concluimos que a maioria das entrevistadas busca as formações com o intuito de encontrar receitas prontas para resolverem seus problemas de sala de aula, também afirmam que os alunos apresentam algumas deficiências, e precisam de profissionais preparados para atender à necessidade dos educandos.

**Palavras-chave:** Dificuldades de aprendizagem. Aprendizagem. Inclusão. Formação do professor

## ABSTRACT

Learning difficulties is a broad and interdisciplinary topic, which involves the child's own questions and that is related to performance of various professionals, such as pedagogues, psychologists, speech therapists, educational psychologist and neurologists. We had as main objective to analyze the teachers of a school in Sousa City working with learning difficulties, facing the specificities of students. A collection of data with five teachers was held in a school from Sousa City. It is a qualitative study that sought to identify concepts and understand concepts socially constructed. It is about a field research, descriptive and qualitative. We used as data collection instrument a semi-structured interview, containing ten guiding questions. For the construction of the theoretical reference, we try to emphasize the prospect of learning difficulties, although they are determined by neurological factors, they can lead to social, emotional, affective problems and being strongly affected by the teaching methodology. The authors who have been using predominantly are Sisto (2001) and Sánchez (2004). These authors defend that learning difficulties can be compensated with psychoeducational help. Then a brief discussion of how learning takes place, in the overview of Campos (1986), and ingrained in Pfromm (1987) conceptions, who claim that learning is a gradual process through the stimulus offered. We also address the perspective of inclusive education by Mantoan (2006), and finally the continued education in Imbérnom (2006) that discusses the need of the teacher is looking for training continuously. All the presented data are in form of tables and analyzed descriptively. Based on the reference and from the analyzes carried, we realized that teachers recognize that they need to have methodologies focused on student learning, but when they do not learn the guilt is so only them, and when everything is fine the teacher is responsible for the achieved success, your concepts are not related to social, affective and methodological factors, they report that the children are slow, scattered and have no desire to learn, also blaming the family for school failure. We conclude that most of the interviewees seek formations in order to find ready-made recipes to solve their classroom problems while they feel unprepared to meet the needs of students.

**Key words:** Learning difficulties. Learning. Inclusion. Teacher formation

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AEE- ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

CID-10-(CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE DOENÇAS)

DA-DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

DCM-IV – (MANUAL DE DIAGNÓSTICO ESTATÍSTICO DAS  
PERTURBAÇÕES)

LDB-LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO

PNE- PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Percepção sobre a aprendizagem das crianças	40
Quadro 2	Fatores que interferem na aprendizagem das crianças	42
Quadro 3	Postura do professor para facilitar a aprendizagem	43
Quadro 4	Características dos alunos que aprendem com mais facilidade e características dos alunos que aprendem com mais dificuldades	45
Quadro 5	Fatores relacionados a pouca aprendizagem dos alunos com dificuldades de aprendizagem	47
Quadro 6	Visão geral sobre a inclusão	49
Quadro 7	Percepção sobre as capacitações	50
Quadro 8	Temas discutidos nas capacitações	52
Quadro 9	Participação dos professores nas capacitações	54
Quadro 10	Exigência da instituição em relação à formação	55

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>14</b>
<b>2 Dificuldades de aprendizagens discentes: Mapeando os conceitos</b>	<b>17</b>
<b>2.1 Aprendizagem: um processo contínuo na vida humana</b>	<b>22</b>
<b>2.2 Dificuldades de aprendizagem em questão: dislexia, disgrafia, disortografia e discalculia</b>	<b>25</b>
<b>2.3 A inclusão escolar como questão para as políticas públicas</b>	<b>30</b>
<b>2.4 Dificuldades de aprendizagem discentes e a formação docente</b>	<b>34</b>
<b>3. Percurso metodológico</b>	<b>38</b>
<b>4. Análise e discussões dos dados</b>	<b>40</b>
<b>5. Considerações finais</b>	<b>58</b>
<b>Referências</b>	<b>61</b>
<b>Apêndice</b>	<b>64</b>
<b>Anexo</b>	<b>66</b>

## INTRODUÇÃO

As Dificuldades de Aprendizagem (DA) apresentadas por alguns alunos em seu processo de aquisição de conhecimento escolar é uma situação que envolve não somente a criança e sua família, como também todos que fazem parte da escola e da gestão educacional.

Os termos Dificuldades de Aprendizagem, Problemas de Aprendizagem e Distúrbios de Aprendizagem, algumas vezes são utilizados como sinônimos, no entanto, em nosso trabalho, optamos por utilizar o termo Dificuldades de Aprendizagem para designar às Dislexia, Disgrafia, Disortografia e Discalculia, como também, para designar os demais problemas que as crianças podem apresentar em seu processo de aprendizagem que estejam relacionados a fatores externos a ela, como carência cultural, metodologia empregada pela professora, alimentação, estrutura familiar entre outros.

Optamos por não utilizarmos o termo distúrbios de aprendizagem, por considerarmos que a terminologia está muito associada à doença e que o rótulo que poderia advir deste conceito não contribuiria para ajudar a criança em seu processo de construção de conhecimento.

As crianças que apresentam Dificuldades de Aprendizagem são crianças de inteligência normal, no entanto precisam de métodos diferenciados de ensino, uma vez que não conseguem internalizar os conteúdos com as metodologias usualmente utilizadas. Não seria assim, importante ampliarmos nossa concepção em torno dessa intrínseca relação entre professor e aluno, e buscar meios que venham garantir a aprendizagem na sua complexidade, sem rotular alunos inteligentes e alunos fracassados? Tal realidade nos remete a questão problema dessa pesquisa: Qual a percepção dos professores de uma escola filantrópica, na Cidade de Sousa, sobre os fatores relacionados ao processo de aprendizagem dos alunos?

Buscamos um embasamento teórico para compreendermos As dificuldades de aprendizagem na perspectiva de Sisto (2001) e Gomes e Téran (2014), nas análises de autores como Sánchez (2004), Muñoz et al., (2007), Martinelli (2001), Boruchovith (2001), Drouet (1997), José e Coelho(1991), Barroso (2011), Paulo

(2011), Gama (2013), dentre outros, assim como as pesquisas realizadas na área do ensino e da aprendizagem como as de Campos (1986), Pfromm (1987), Piaget (1987), Freire (2014), para as orientações conceituais nas pesquisas na área da Inclusão Mantoan (2006), e Rodrigues(2006), como também uma breve discussão quanto a necessidade da formação continuada em Imbernóm (2006). Diante de tais pressupostos e conforme as categorizações levantadas frente ao trabalho de campo, selecionamos as categorias de análise para a construção do referencial teórico e posteriormente fundamentar e analisar os dados coletados, sendo estes respectivamente: Dificuldades de Aprendizagem, Aprendizagem, Inclusão e Formação continuada.

A proposta desse estudo surgiu a partir da disciplina Estágio supervisionado, em contato com a realidade da sala de aula e a observação no discurso da professora quanto às crianças. Segundo a professora, “*as crianças têm problemas de aprendizagem.*” Esse discurso, prevalecia cotidianamente, o que nos fez buscar na literatura a resposta para tal indagação.

Nesta produção monográfica buscamos atender aos objetivos específicos assim estruturados: Identificar, na visão dos professores, os fatores que interferem na aprendizagem das crianças. O trabalho está organizado em três capítulos. Quanto ao referencial teórico, iniciamos com o tópico seguinte: “**Dificuldades de aprendizagem discentes: mapeando seus conceitos.**” Neste apresenta-se uma discussão teórica em torno dos conceitos Dificuldades de aprendizagem, quais as causas, como suprir tais Dificuldades, o porquê de algumas crianças sem motivo aparente fracassar na vida escolar, quais fatores influenciam no processo de aprendizagem, refletindo sobre as teorias da aprendizagem e, o que se caracteriza como: dislexia, discalculia, disgrafia e disortografia. Discutimos a partir disso então, a importância dos professores compreenderem a relação existente entre professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem, como o auxílio de novas metodologias, atividades adequadas e novas propostas de ensino podem contribuir para dirimir as Dificuldades de aprendizagem (DA), em nosso trabalho usaremos o termo Dificuldades de aprendizagem, a sigla não será utilizada.

Em seguida, dando continuidade ao capítulo, analisar a percepção dos professores sobre o processo de inclusão das crianças que apresentam dificuldades

de aprendizagem que tem como título: “**A inclusão escolar como questão para as políticas públicas da educação**”, construímos uma discussão acerca da educação inclusiva, seus objetivos, como surgiu, a colaboração desta para os alunos com dificuldades de aprendizagem, visto que, esses alunos não são tidos como da educação especial, como também, as conquistas advindas pela inclusão, os impasses nos dias atuais e, por último, identificar como acontece o processo de formação continuada, haja vista, a necessidade de pensar na formação continuada dos professores.

No segundo capítulo, aborda o **Percurso Metodológico**, em que são descritas as estratégias utilizadas para a realização das entrevistas, os sujeitos, o local e o tipo da abordagem metodológica.

No terceiro e último capítulo estão às análises e discussões dos dados coletados, o que proporcionou uma significativa compreensão acerca da concepção dos professores entrevistados. Finalizamos o trabalho com as considerações finais, trazendo os resultados da pesquisa.

Diante disso, o trabalho busca atender ao objetivo geral em questão: Analisar a percepção dos professores de uma escola filantrópica na Cidade de Sousa-PB, sobre os fatores relacionados ao processo de aprendizagem dos alunos.

## 2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DISCENTES: MAPEANDO OS CONCEITOS

As Dificuldades de Aprendizagem tornaram-se oficialmente um campo de estudos a partir de 1963. O marco na história dos estudos sobre as Dificuldades de Aprendizagem foi um evento organizado por pais e foi sediado em Chicago (SISTO, 2001). Estes pais queriam saber o motivo das crianças apresentarem uma dificuldade persistente em aprender a ler e escrever sem um motivo aparente e convidaram profissionais experientes na área, para que de alguma forma, pudessem encontrar uma solução ou uma explicação, o intuito também era arrecadar fundos para oferecerem serviços especializados para a educação dessas crianças.

Este campo de estudo se desenvolveu inicialmente com os norte-americanos e os Canadenses e, posteriormente com os Brasileiros, Sisto (2001) afirma que “Samuel Kirk” é considerado o pai das dificuldades de aprendizagem, e foi o grande responsável pela popularização do termo. (SISTO, 2001, p.22)

Foi nesse contexto que o psicólogo Samuel Kirk, que estava trabalhando com crianças com atraso mental, dificuldades da linguagem e da leitura, propôs que esses inexplicáveis obstáculos observados na aprendizagem da leitura – como não podiam ser atribuídos ao nível de inteligência ao ambiente familiar ou educativo – poderiam ser chamados de Dificuldades de Aprendizagem (*learning disabilities*), pois se referiam a problemas de aprendizagem acadêmica.

Em se tratando de problemas que envolviam a aprendizagem, crianças lentas poderiam estar no rol das crianças com dificuldades de aprendizagem, com isso, pais e professores precisam estar atentos, e assim desmistificar a velha convicção de que essas crianças não aprendem.

Apresentaremos alguns conceitos e seus autores, Muñoz et al, (2007, p. 159) atribui o conceito de transtornos de aprendizagem ou dificuldades de aprendizagem a Kirk e Bateman (1992) e define como [...] “um retardo, perturbação ou desenvolvimento retardado em um ou mais dos processos da fala, linguagem, leitura, escrita, aritmética ou outras matérias escolares”.

As pessoas com dificuldades de aprendizagem são afetadas apenas em seus processos que requerem a leitura, escrita e o cálculo, e não quer dizer que a pessoa não consegue aprender e, sim que a pessoa necessita de meios diferenciados em seus processos de aprendizagem. Nessa definição, não é salientado os problemas sociais, metodologia do professor, privação cultural, como influenciadores para agravar ainda mais a pessoa com dificuldade de aprendizagem, ela apresenta a inteligência normal, sua dificuldade é apenas na decodificação de palavras e/ou de compreensão de conceitos numéricos.

Por ser um tema amplo e interdisciplinar, envolve a atuação de vários profissionais, a citar: psicólogos, fonoaudiólogos, pedagogos, psicopedagogos e neurologistas. Será que, as escolas têm esses profissionais para subsidiar quando necessário para dá suporte as crianças com dificuldades de aprendizagem?

Smith (2001, *apud* Diniz, 2007, p. 30) diz que: “Dificuldades de Aprendizagem refere-se não a um único distúrbio, mas uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico”.

No entanto, não podemos cair no erro achando que devido a esse desempenho acadêmico sem o devido sucesso esperado, a pessoa não vai conseguir superar suas dificuldades, apenas as aprendizagens que envolvem letras e/ou números são prejudicadas.

Para a autora Paulo (2011, p. 61) “Dificuldades de aprendizagem referem-se a alterações no processo de desenvolvimento do aprendizado da leitura, escrita e raciocínio lógico-matemático, podendo estar associadas a comprometimento da linguagem oral”. Quanto ao comprometimento da linguagem oral, podemos recorrer à ajuda de fonoaudiólogos para que esses profissionais possam oferecer estratégias para sanar essa necessidade, permitindo assim, que a linguagem da criança esteja preparada para pronunciar corretamente as palavras e seus respectivos sons, minimizando assim a probabilidade de troca das letras e omissões de letras em suas produções.

Segundo Drouet (1997) Pesquisas estão sendo realizadas na área da psicologia e da psiquiatria, para estudar as causas e também classificar os distúrbios que acarretam prejuízos à aprendizagem. Será que os distúrbios que acarretam

prejuízos à aprendizagem, estão relacionados somente aos fatores neurológicos, ou eles também podem ser agravados por outros fatores?

Ainda para definir Dificuldades de Aprendizagem, Sánchez (2004, p. 17) [...] afirma que “o termo dificuldades de aprendizagem específicas seria reservado para as dislexias, as disgrafias, as disortografias ou as discalculias”.

Esse termo foi assim reservado para esclarecer as dificuldades que afetam especificamente a leitura, a escrita e a matemática, mas que é o resultado de um problema neurológico, sendo que a criança com este diagnóstico pode superar tal dificuldade, haja vista que, possui inteligência normal.

Para descrever Transtornos de Aprendizagem, (Pain 1983, *apud* Gomes e Téran, 2014, p. 93) afirma que:

O termo transtornos de aprendizagem descreve um transtorno neurobiológico pelo qual o cérebro humano funciona ou é estruturado de maneira diferente. Estas diferenças interferem na capacidade de pensar ou recordar. Os transtornos de aprendizagem podem afetar a habilidade da pessoa para falar, escutar, ler, escrever, soletrar, raciocinar, recordar, organizar a informação ou aprender matemática.

Os termos Dificuldades de Aprendizagem, Transtornos de Aprendizagem, Distúrbios de Aprendizagem e Problemas de Aprendizagem são utilizados para designar especificamente as interferências no processo de aprendizagem na leitura, escrita, matemática e mais precisamente na capacidade de organizar a informação. É o resultado de um problema neurológico, sendo que crianças com atraso mental, cegueira e deficiências não se enquadram no rol das Dificuldades de Aprendizagem.

No decorrer do trabalho os autores se referem a problemas, transtornos, distúrbios e dificuldades. Usaremos o termo Dificuldades de Aprendizagem, para explicar o fracasso escolar das crianças.

Existem fatores que podem influenciar de forma negativa na vida de uma pessoa com Dificuldades de Aprendizagem e diminuir a possibilidade da pessoa aprender, podemos citar alguns deles: privação cultural, metodologia do professor, super proteção, perda de algum familiar como também a desnutrição.

Sabemos que o processo de aquisição do conhecimento não é algo que está associado somente à criança, mas também a fatores externos, estes levados em consideração poderiam contribuir significativamente para evitar o fracasso escolar de crianças diagnosticadas com Dificuldades de Aprendizagem.

Uma criança com Dificuldade de Aprendizagem pode se beneficiar dos mecanismos de suporte e superar suas dificuldades, isso porque, a psicopedagogia nos beneficia com as atividades diferenciadas para ajudar no processo de desenvolvimento e evitar o fracasso escolar.

Será que, uma criança com dificuldade de aprendizagem está fadada ao fracasso?

Tanto o professor quanto a família precisam estar atentos para essa realidade e, oferecerem meios capazes de superar as Dificuldades de Aprendizagem, sem deixar que os fatores intervenientes aumentem a possibilidade de fracasso. Muitos professores, por vezes, desconhecem as causas das dificuldades de aprendizagem e as rotulam como fracassadas e preguiçosas. Estes profissionais precisam evitar transmitir à criança angústia e ansiedade diante dessa dificuldade. O importante é transmitir segurança à criança e que compreendam a razão das suas dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita, também devem evitar comparar a criança como colega de sala ou colocá-la diante de situações nas quais sabem que a criança não tem sucesso. Conforme afirma Martinelli (2001, p. 106):

Embora o termo dificuldade de aprendizagem ainda cause controvérsias, seja com relação a sua definição ou com relação aos seus limites – uma vez que na própria literatura podemos encontrar termos que parecem corresponder-se tais como distúrbios de aprendizagem, problemas de aprendizagem, tentativas de uma delimitação mais precisa têm sido empreendidas com o intuito de se aclarar tal situação.

Podemos perceber que são várias as terminologias, na tentativa de esclarecer e entender as causas ou os motivos pelos quais uma pessoa por algum motivo não consegue um bom desempenho acadêmico, buscamos uma explicação em Gomes e Téran (2014, p. 95) [...] “uma criança com Dificuldades de Aprendizagem é aquela que não consegue aprender com os métodos com os quais aprendem a maioria das

crianças, apesar de ter as bases intelectuais apropriadas para a aprendizagem”.

Nesse sentido, podemos perceber que essas crianças possuem as bases intelectuais apropriadas, no entanto elas não conseguem aprender com os métodos usualmente utilizados em sala de aula. O fato é que, é necessário elaborar atividades que propiciem a aprendizagem dessas crianças, porque elas precisam de métodos diferenciados, elas não são incapazes, elas aprendem e, precisam da ajuda psicopedagógica.

Segundo Sisto (2001, p. 24) é: [...] “um transtorno relacionado à linguagem- fala, compreensão, leitura, escrita, soletração-, causado neurologicamente e produto de uma rede complexa de interações sociais”.

Interações sociais essas, se dão pelo resultado da convivência familiar, escolar e de toda a sociedade. Portanto, a criança pode superar as dificuldades, mas também poderá fracassar se estas interações não estiverem propícias para o seu aprendizado, acarretando sentimentos negativos e auto-estima baixa, como também serem agravadas quando as metodologias usualmente utilizadas em sala de aula pelo professor não estiverem propícias para o aprendizado dessas crianças.

Nesse sentido, Boruchovith (2001) afirma que: “alunos com Dificuldades de Aprendizagem e baixo rendimento escolar, geralmente, apresentam pouco domínio de estratégias de aprendizagem (cognitivas e metacognitivas).”

O fato é que, devido a essa pouca aprendizagem eles podem ter sua auto-estima baixa em detrimento do conhecimento não assimilado, o sentimento de não poder acompanhar as atividades juntamente com seus colegas, tudo isso interfere na capacidade da aquisição do conhecimento das pessoas com Dificuldades de Aprendizagem.

Segundo a autora Barroso (2011, p. 24) “As dificuldades de aprendizagem também estão nas classificações Universais, tais como: a CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE DOENÇAS (CID-10); O DCM-IV(MANUAL DE DIAGNÓSTICO ESTATÍSTICO DAS PERTURBAÇÕES)”.

As doenças que estão no CID- 10 são representadas por letras e números, (FONOAUDIÓLOGO, 2007). As dificuldades de aprendizagem estão representadas pela sequência: F80, F81, que representa os problemas relacionados

ao desenvolvimento das habilidades escolares, como por exemplo, a não compreensão da leitura, reconhecer palavras, entre outros.

Segundo (BURKLE, 2009), O DCM-IV é um guia para clínicos e pesquisadores, também serve de instrumento para coletar os dados de informações clínicas.

Será que as crianças da mesma idade, apresentando dificuldades de aprendizagem ou não, aprendem em um mesmo ritmo? Será que, uma única forma para explicar um devido conteúdo em sala, dá para todas as crianças conseguirem assimilar os conteúdos, independentemente de suas dificuldades?

Uma forma de esclarecer o termo Dificuldades de Aprendizagem, foi tentar caracterizá-lo, dessa forma os Transtornos da Aprendizagem segundo Muñoz et al. (2007, p. 159) [...] “Foram caracterizados por uma série de dificuldades que afetavam a leitura, a escrita ou o cálculo acarretando um sério obstáculo para o progresso escolar normal da criança”.

Para tanto, diante das características que definem as crianças com Dificuldades de Aprendizagem, como não reconhecer que essas crianças precisam de métodos diferenciados?

Para aprofundarmos sobre a aprendizagem das crianças diante de suas especificidades e singularidades, podemos afirmar que o processo de aprendizagem é uma constante atividade diferenciada. Portanto, trataremos como um novo tópico a aprendizagem.

## **2.1 APRENDIZAGEM: UM PROCESSO CONTÍNUO NA VIDA HUMANA**

Sabemos que várias correntes explicam como se dá o processo da aprendizagem, não explicaremos todas as correntes, optamos por focar em apenas duas, ou seja, vamos nos apropriar dando ênfase as explicações da abordagem Tradicional e a abordagem Construtivista. A abordagem Tradicional é caracterizada pela sistematização do conhecimento. O professor é o detentor do conhecimento, é ele quem vai instruir e ensinar seus alunos, sendo o seu papel transmitir os

conteúdos predefinidos para serem aplicados em sala de aula.

Segundo Barcellos (2010, p. 9) esta abordagem é caracterizada por se preocupar mais com a variedade e quantidade de noções, conceitos e informações do que com a formação do pensamento reflexivo do aluno.

Ao aluno está vetado a possibilidade de trabalhar em grupos, sendo uma relação dual professor-aluno. O ensino é visto como um produto, isso porque, não é dada a ênfase no processo de ensino, haja vista que o sucesso a ser alcançado, já está preestabelecido, ou seja, não se avalia o processo e sim o resultado.

Outra concepção da abordagem tradicional é que considera o adulto como um ser pronto e acabado e, a criança como um adulto em miniatura. O centro do ensino é o professor, e o aluno o responsável por executar as atividades.

Será que seguindo essa lógica, não estaríamos concebendo o aluno como um recipiente? Os métodos tradicionais oferecem para o aluno a oportunidade de se tornar um ser crítico, um ser pensante?

Para explicar a abordagem tradicional Mizukami (1986, p. 12) afirma que:

A escola, fundada nas concepções dessa abordagem, é o lugar por excelência onde se realiza a educação, a qual se restringe, em sua maior parte, a um processo de transmissão de informações em sala de aula e funciona como uma agência sistematizadora de uma cultura complexa.

Será que a educação acontece somente na escola? Aprendizagem e conhecimento podem ser transmitidos?

Freire (2014, p. 47) afirma que: “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção”.

Para tanto, oferecer possibilidades para que o aluno possa produzir seu próprio conhecimento através das descobertas e, reconhecer o aluno como um sujeito ativo, será uma das formas de viabilizar a aprendizagem na sua complexidade, é isso que propõe o construtivismo, deixar o aluno livre para produzir seus conceitos, e o professor ser o mediador desse conhecimento.

A capacidade de flexibilizar o processo de ensino-aprendizagem é a mola

propulsora dessa abordagem. O aluno não está isolado de seu grupo, o trabalho em equipe passa a ser valorizado e o professor não é mais o detentor do conhecimento, ele é apenas o facilitador ou o mediador da aprendizagem. O professor não será o responsável em dar as respostas, porque será o aluno que irá construir seus conceitos, como também a partir do contato com o meio exterior, ou seja, das interações sociais.

Segundo Piaget (1987, p. 336):

[...] pode-se conceber a inteligência como o desenvolvimento de uma atividade assimiladora cujas leis funcionais são dadas a partir da vida orgânica e cujas sucessivas estruturas que lhe servem de órgãos são elaboradas por interação dela própria com o meio exterior.

Se for, a partir do próprio sujeito e de suas estruturas orgânicas juntamente com o meio social, a capacidade de realizar as estratégias de conhecer a realidade, podemos então reafirmar que o professor não transmite conhecimento, ele apenas pode tornar-se um facilitador de assimilação do conhecimento, como também reconhecer que as crianças não são totalmente desprovidas do conhecimento, elas trazem consigo suas histórias, suas curiosidades e seus questionamentos.

Segundo Pfromm (1987, p. 1) [...] “A aprendizagem, essencialmente, é um processo interno e pessoal, que acontece dentro do aprendiz”. Ao nos apropriarmos do construtivismo, reconhecemos que a aprendizagem não é algo que acontece através da repetição, uma vez que o processo mecânico não viabiliza o processo de aprendizagem. Quando pensamos em um sujeito epistêmico que busca respostas, pensamos também no sujeito singular, individual, com especificidade única. Portanto, a aprendizagem acontece de dentro para fora, porque parte do próprio aprendiz a capacidade de assimilação e, através da interação como meio exterior construímos nossas subjetividades.

Para explicar a aprendizagem, Drouet (1997, p.8) afirma que:

A aprendizagem é gradual, isto é, vamos aprendendo pouco a pouco, durante toda a nossa vida. Portanto, ela é um processo constante, contínuo. Cada indivíduo tem seu ritmo próprio de

aprendizagem (ritmo biológico) que, aliado ao seu esquema próprio de ação, irá constituir sua individualidade.

Portanto, a aprendizagem vai sendo construída ao longo da vida, cada sujeito com o seu próprio ritmo, cada pessoa desenvolve suas habilidades e isto reflete na capacidade de cada pessoa para produzir o conhecimento, cada uma com sua especificidade e de acordo com o seu próprio ritmo biológico. Será que os métodos utilizados pelos professores poderiam minimizar as dificuldades ou inversamente, aumentar ainda mais a dificuldade das crianças?

Traremos mais uma discussão, os conceitos para explicar as dislexias, disgrafias, disortografias e discalculias, que afetam a aprendizagem, dificuldades estas, estão relacionadas à leitura, escrita e ao cálculo.

## **2.2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM EM QUESTÃO: DISLEXIA, DISGRAFIA, DISORTOGRAFIA E DISCALCULIA.**

Diante de várias dificuldades de aprendizagem, o foco aqui não será conceituar todos, diante dos inúmeros tipos, mas, abordar somente os que afetam a leitura, escrita e cálculo, mais precisamente: dislexia, disgrafia, disortografia e discalculia.

Sabemos que existem pessoas que conseguem escrever, mas não conseguem ler, ou que leem, mas não sabem escrever, como também, apresentam dificuldades de compreensão e, por conseguinte não conseguem compreender questões da matemática, pelo fato da não compreensão da leitura em si realizada.

Diante dessa situação, iremos inicialmente discorrer acerca das dislexias, uma vez que, tais conceitos mostrarão uma definição ou uma delimitação mais precisa para as pessoas que apresentam dislexia e, a partir de tais conhecimentos, o professor passar a repensar as atividades propostas em sala de aula, uma vez que, são a elaboração de novas propostas de atividades que os alunos com Dificuldades de Aprendizagem poderão ter o processo de aquisição do conhecimento facilitado.

Para explicar dislexia, Muñoz et al., (2007, p. 163) afirma que:

[...] existem sujeitos que apresentam problemas no reconhecimento ou decodificação das palavras. Essas crianças podem compreender bem uma explicação oral, embora não um texto escrito com os mesmos conteúdos; isto é, poderiam compreender o que leem se pudessem reconhecer e, portanto, ler as palavras corretamente. Esse grupo de crianças é o que tradicionalmente foi conhecido como disléxicos.

Portanto, podemos então afirmar que esses sujeitos não estão fadados ao fracasso, ou seja, podemos recorrer às estratégias de suporte para facilitarmos a compreensão das atividades propostas, uma vez que a psicopedagogia oferece mecanismos voltados para suprir as dificuldades enfrentadas pelos sujeitos que apresentam dislexia.

É preciso estar atento, as pessoas disléxicas geralmente demoram a falar, tem dificuldades para reconhecer as horas, não escrevem números e letras corretamente, não conseguem ordenar as letras do alfabeto como também outras atividades que requerem uma compreensão da leitura. O fato é que, estas dificuldades exigem do professor e toda a equipe pedagógica um repensar na implementação das atividades, promovendo então oportunidade aos que na sua especificidade não conseguiria aprender com os meios que aprendem as outras crianças da mesma idade. Quanto à dislexia, alguns exemplos podem ser observados, segundo Gomes e Téran (2014, p.162) são: “Omissões; inversões; não reconhece o erro cometido; ao escrever unem letras, sílabas e palavras; distorções ou deformações”.

Esses são alguns exemplos que as pessoas disléxicas apresentam quanto aos erros de leitura e escrita: confusão de letras, sílabas e palavras que apresentam algumas diferenças de grafia, quando há semelhanças, se a grafia apresentar-se de forma que as posições das letras estiverem diferentes, quando os sons são parecidos, também invertem as sílabas ou palavras, acrescentam ou retiram os sons das sílabas ou palavras.

Ao sabermos que a pessoa disléxica tem um desenvolvimento intelectual adequado para prosseguir seu processo de aprendizagem, podemos então nos apropriarmos desse saber para promovermos oportunidades para que essas pessoas

possam enfrentar essas dificuldades, sem causá-las maiores prejuízos quanto ao seu desempenho acadêmico, só assim, ao enfrentarem os desafios da leitura poderão sentir-se envolvidos no processo de aprendizagem.

A escrita é um processo tão importante quanto à leitura. O ato de escrever requer certa maturidade para que a pessoa consiga fazer e leitura e, exige que a pessoa seja capaz de ordenar, fazendo uma determinada sequência e relação entre os símbolos gráficos e, para escrever a criança precisa falar corretamente os sons das palavras.

O processo de acesso ao léxico, aos processos sintáticos e, aos processos semânticos, são os responsáveis pela realização da leitura em si. A pessoa organiza as orações, reconhece os verbos, usa corretamente os sinais de pontuação, ou seja, passamos a respeitar as regras gramaticais. Nas palavras de Muñoz et al., (2007, p. 162) os processos:

Léxicos permitem a seleção das palavras adequadas para a incorporação na estrutura sintática; Processos sintáticos são importantes para fazer com que as frases que compõem o texto se ajustem a uma série de regras gramaticais; processos semânticos são realizados para compreender o significado das palavras, frases ou texto.

Nesse sentido, para que a pessoa consiga ler e escrever, necessariamente precisa de certa maturidade para poder reconhecer esses processos. Inicialmente a criança vai à escola, passa por outros processos necessários à sua alfabetização, processos esses que não serão abordados neste trabalho, por não ser esse o foco, em seguida esses processos acima citados, passam a fazer parte do repertório das crianças, ou seja, passa a fazer as interpretações de texto, frases e todos os outros processos que necessariamente serão de exigência gramatical.

Quanto à escrita esse processo também requer cuidados quanto aos erros que aparecem nas produções, a essa dificuldade é dado o conceito de disgrafia, que segundo Drouet (1997, p. 131) afirma ser: “dificuldade na utilização dos símbolos gráficos para exprimir ideias. Caracteriza-se pelo traçado irregular das letras e pela distribuição das palavras no papel”.

Em consequência de uma leitura não compreendida a pessoa também não consegue fazer uma distinção ou uma leitura dos sinais gráficos, o que nos mostra que tais conceitos estão uns interligados ao outro, ou seja, quando a criança apresenta dificuldades na leitura, a escrita provavelmente será também uma dificuldade, portanto esse processo de contribuição para com uma pessoa disléxica requer bastante cuidado, isso porque podemos interpretar a disgrafia como sendo uma escrita defeituosa e assim passarmos despercebidos diante de uma realidade tão complexa.

Alguns erros que geralmente pessoas disgráficas cometem Gomes e Téran (2014, p. 164): “pato no lugar de prato; comparam no lugar de compraram; opa no lugar de roupa.” Estas omissões podem ser trabalhadas, já que essas dificuldades acompanham a vida toda, mas com a ajuda das atividades voltadas para atender a essas crianças, todo esse cenário pode ser mudado.

Também sobre as dificuldades da escrita estão as disortografias. Tem uma relação com a disgrafia, embora, seja em um grau mais elevado. Muñoz et al., (2007, p. 166) “A disortografia é uma dificuldade para a estruturação gramatical da linguagem, associada geralmente aos transtornos de leitura (dislexia).”

Nesse sentido, compreendemos que a disortografia se destaca pelos diversos níveis de gravidade, apresentando-se entre os leves e os mais graves. Em relação ao grau leve, trata-se da omissão ou confusão nos artigos, nos acentos, nos plurais, e, nos erros de ortografias em palavras do seu contexto familiar. Para os graus graves, trata-se dos casos em que as dificuldades correspondem aos fonemas e grafemas, fazendo diversas trocas, confusões e erros de sílabas e palavras.

Para conceituar a disortografia, Drouet (1997, p. 131) afirma que: “É a incapacidade de apresentar uma escrita correta, com o uso adequado dos símbolos gráficos. A criança não respeita a individualidade das palavras. Junta palavras, troca sílabas, e omite sílabas ou palavras”.

Para Gama (2013, p. 35) “a disortografia implica uma série de erros sistemáticos na escrita e na ortografia que, por vezes, torna ilegível os escritos”.

As autoras José e Coelho (1999, p. 96) afirmam que: “Caracteriza-se pela incapacidade de transcrever corretamente a linguagem oral, havendo trocas ortográficas e confusão de letras”.

Podemos exemplificar o caso de uma criança que apresenta disortografia, segundo Gomes e Téran (2014, p. 174):

Ogi avia feto calor i o céu estava xeio de nuvems. Um azul intensso fasia contaste com u verdi escuro das arvoles i o amarelo dos campo. O sol tina si escondido pelo orisonti e agora saiam todas as estrelas duceu para tomar a fresca da noichi.

Podemos perceber que essa criança não faz o uso correto da pontuação, não respeita o parágrafo, esquece algumas letras, acentos, troca o e pelo i, ou seja, o texto não está escrito conforme as regras gramaticais, conseqüentemente não apresenta nexos na leitura e na escrita.

Por último e, não menos importante está a discalculia, associada às dificuldades de matemática, pela não compreensão da leitura e pela não interpretação correta do problema proposto.

A discalculia segundo Drouet (1997, p. 131). “É o termo usado para indicar dificuldade em matemática”.

Quanto aos erros que geralmente aparecem na matemática, estes são os que geralmente prevalecem: não fazem a soma verticalmente, não compreendem os termos da matemática, não armam as operações nas suas respectivas ordens e não compreendem a leitura proposta para a realização do problema em si. Gomes e Téran (2014, p. 184):

Exemplo:  $234 + 345 + 24 + 6 = 5.145$ ; ao armar as operações não escrevem ordem abaixo de ordem; ocasionando um resultado equivocado, como também não realizam as somas verticalmente e sim no lado horizontal, além de não compreenderem conceitos numéricos, como também encontram dificuldades para interpretar problemas matemáticos.

Diante de tais questões, é preciso que o professor tenha uma consciência de que o seu papel não é o de diagnosticar, mas o de perceber que estes fatores estão afetando o desenvolvimento da aprendizagem dos discentes.

Para dar continuidade com a discussão sobre as Dificuldades de Aprendizagem, é necessário adentrar em outra questão: a inclusão. Diante de tais problemáticas presente nas discussões atuais, a inclusão será ponto de reflexão, no que diz respeito às compreensões e interpretações na sociedade, isso porque ainda nos deparamos com inúmeras lacunas quanto ao entendimento, atendimento e os objetivos da educação inclusiva.

Todavia, não se trata de pensar em uma educação que atenda as deficiências, mas, saber que cada um na sua singularidade precisa interagir, questionar, se envolver nas atividades propostas, sem fazer com que qualquer detalhe aparente seja um obstáculo, a sala de aula está para todos e, o que cada criança necessitar de especial não será motivo de tratá-la como um ser incapaz, o foco da sala de aula é trabalhar com todas as crianças independente de sua especificidade. Diante dessa questão levantada, cabe então buscar um entendimento significativo acerca do que realmente propõe a inclusão também das crianças com dificuldades de aprendizagem.

### **2.3 A INCLUSÃO ESCOLAR COMO QUESTÃO PARA AS POLÍTICAS PÚBLICAS DA EDUCAÇÃO**

Embora as crianças tidas como com dificuldades de aprendizagem, não estejam no rol da educação especial, essas crianças se beneficiaram com os métodos e os objetivos propostos pela educação inclusiva, já que, está assegurado na Constituição Federal que a educação seja um direito de todos, como também, discussões vem sendo realizadas com o intuito de fazer com que a inclusão torne-se uma realidade nos dias atuais. Estudos vêm sendo realizados para pensar a educação inclusiva, haja vista, pelo fato de que, ela surgiu como uma tentativa de oferecer igualdade a todos, sem questionar as diferenças existentes. Questões como

essa, vêm sendo debatidas e, ainda se permanece a velha história, o sistema não oferece subsídios para oferecer igualmente uma educação que contemple a todos.

Para tanto, com as mudanças sugeridas e asseguradas na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) - Nº 9.394/96) de 20 de Dezembro, sabemos da necessidade de adequar os planejamentos educacionais e os objetivos propostos às aulas. Um avanço importante aconteceu, contudo, a educação ainda, não está para todos, haja vista, o acesso e a permanência, uma vez que, é preciso dar condições para que o aluno possa adentrar e permanecer nas instituições de ensino.

Diante das especificidades de cada um, é preciso reconhecer a necessidade de oferecer um ensino voltado para os educandos de forma que estes possam estar inseridos e atuarem efetivamente em todas as atividades propostas. Na verdade o discurso é que, o ensino deve estar voltado para atender as especificidades dos educandos, no entanto, ainda nos deparamos com uma realidade bem contraditória, isso porque, os alunos com Dificuldades de Aprendizagem possuem características próprias, precisam de meios diferenciados para a realização e compreensão das atividades, haja vista, as dificuldades enfrentadas na leitura, escrita e no cálculo, mas são crianças com inteligência normal e, mesmo assim, enfrentam uma série de obstáculos no que diz respeito às atividades propostas em sala.

E qual seria o real objetivo proposto pela inclusão? Como garantir que os benefícios da educação inclusiva sejam efetivados na prática cotidiana, não somente para quem é deficiente, mas também para as crianças que tenham Dificuldades de Aprendizagem?

É preciso reconhecer que a inclusão veio como uma proposta para atender as pessoas que por algum motivo, estavam excluídos dos sistemas de ensino, Rodrigues (2006, p. 218) registra que:

Foi exatamente no contexto efervescente do final do século XX e de promessas do novo milênio, que a educação inclusiva nasceu em 1994 como uma alternativa voltada para a defesa e a promoção dos direitos dos grupos vulneráveis historicamente excluídos dos sistemas educacionais.

Podemos afirmar que a educação inclusiva é uma obrigação, isso porque, a Lei garante a inclusão das pessoas com necessidades especiais: surdos, cegos, cadeirantes e obrigam a construção de rampas, salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), a libras, braile, entre outras maneiras de tornar efetivo o acesso dessas pessoas. Mas será que a inclusão social também acontece? O professor está preparado para essa realidade? O fracasso escolar é uma realidade. Crianças são excluídas dos sistemas educacionais. Vivemos a realidade da evasão escolar. E quais os motivos que levam à criança desistir de frequentar a escola?

Os aspectos metodológicos utilizados pelos professores são na maioria das vezes a causa excludente de algumas crianças. Crianças com dificuldades de aprendizagem possuem a auto-estima baixa. O sentimento de não conseguir realizar as atividades, fazem com esses alunos fracassem.

O fato é que, alguns profissionais acreditam que para o atendimento desse público seja um especialista. Será que todos os profissionais da educação não precisam estar preparados para atender os educandos, de forma que estes não fiquem excluídos do processo educativo?

Se os professores passassem a repensar suas atividades, reverem suas práticas, reelaborarem atividades, buscassem novas metodologias para atender o aluno na sua singularidade, será que permaneceríamos convivendo com a realidade excludente?

Podemos perceber que a educação inclusiva veio com o objetivo de dirimir as exclusões que permeiam toda a sociedade e mais precisamente o âmbito educacional. Diante da realidade, em dias atuais, não podemos negar que lutas estão sendo implementadas, leis reestruturadas em defesa das pessoas excluídas da sociedade, escolas tentando realizar seu trabalho voltado para a quebra desse paradigma da exclusão. Para tanto, no que diz respeito a inclusão, Mantoan (2006, p. 21) diz que:

A inclusão total e irrestrita é uma oportunidade que temos para reverter a situação da maioria de nossas escolas, as quais atribuem aos alunos as deficiências que são do próprio ensino ministrado por elas. Sempre se avalia o que o aluno aprendeu, o que ele não sabe, mas raramente se analisa o que e como a escola

ensina, de modo que os alunos não sejam penalizados pela repetência, evasão, discriminação, exclusão, enfim.

Diante dessa compreensão, percebemos que na maioria das vezes, atribuímos aos alunos o fracasso. Será que se os professores tivessem a compreensão de que o professor também faz parte do processo de aprendizagem, as análises de fracasso ou sucesso não poderiam estar associadas, a tantos outros fatores?

De acordo com a LDB 9394/96, art. 12 fica a prerrogativa de que: BRASIL (2012, p. 14) “Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: inciso V- prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento.” No art. 13, diz que: “Os docentes incumbir-se-ão de: Os incisos III e IV nos dizem que “Zelar pela aprendizagem dos alunos; estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento”.

Desse modo, se essa normativa deixa claro que os professores precisam estabelecer estratégias voltadas para os alunos de menor rendimento, por que não repensar as metodologias e os planejamentos diários? Será que nós professores estamos trabalhando conforme preconiza a Lei?

O Plano Nacional de Educação (PNE) BRASIL (2014, p.56) estabelece que:

[...] fica garantido o atendimento educacional especializado em salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados, nas formas complementar e suplementar, a todos (as) alunos (as) com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou super dotação, matriculados na rede pública de educação básica, conforme necessidade identificada por meio de avaliação, ouvidos a família e o aluno;

Para tanto, conforme salienta o PNE ora reformulado para melhor atender as necessidades dos educandos fica a prerrogativa para que os alunos diante de suas necessidades educacionais sejam atendidos conforme suas singularidades, já que as crianças precisam estar envolvidas com o contexto na qual ela vive.

Não podemos falar em educação para mudanças sem pensar em uma formação inicial e posteriormente em uma formação continuada. As crescentes mudanças no campo educacional exigem profissionais conscientes de tal necessidade para que as pesquisas relevantes se originem no âmbito educacional e consiga dar conta desse cenário que é a escola, o lugar onde prioritariamente a sociedade conceitua como espaço gerador de conhecimentos. No tópico seguinte, trataremos como discussão a necessidade de buscar uma formação continuada como princípio básico de uma educação de qualidade voltada para atender a todos os discentes, assegurados perante a lei.

## **2.4 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E A FORMAÇÃO DOCENTE**

Um novo paradigma perfaz o âmbito educacional, a necessidade de uma formação inicial, indo ao encontro de uma formação posterior, ou seja, a necessidade de continuar alargando os conhecimentos. O professor não pode estar limitado a uma graduação, devido aos desafios constantemente enfrentados na escola. Diante da questão levantada, Imbernóm (2006, p. 12) afirma que:

Essa necessária renovação da instituição educativa e esta nova forma de educar requerem uma redefinição importante da profissão docente e que se assumam novas competências profissionais no quadro de um conhecimento pedagógico, científico e cultural revistos. Em outras palavras, a nova era requer um profissional da educação diferente.

Para redefinir o papel do professor na atualidade é preciso reconhecer que uma das iniciativas, parte do pressuposto de que o professor precise realmente estar buscando renovar seus conhecimentos.

Com as mudanças repentinas no campo educacional e, mais precisamente com as especificidades dos sujeitos presentes no âmbito escolar, estes profissionais precisam estar cientes que é necessário continuar aprimorando seus conhecimentos, para um melhor esclarecimento acerca de seu papel e para com a aprendizagem dos discentes.

A formação continuada, na qual se fala, tem objetivos explícitos, esta contempla uma gama de saberes, trata-se de estar reconhecendo que a educação não é um campo estático e sim, um campo permeado de mudanças cotidianamente. Para pensar a formação, Imbernón (2006, p. 80) afirma que:

Não é apenas uma formação como conjunto de técnicas e procedimentos, mas tem uma carga ideológica, valores, atitudes e crenças. Não é, portanto, uma simples transferência física, nem tampouco um novo agrupamento de professores para formá-los, e sim um novo enfoque para redefinir os conteúdos, as estratégias, os protagonistas e os propósitos da formação.

É preciso reconhecer que o objetivo da formação continuada, é fazer com que o professor passe a repensar suas práticas, e que, não seja apenas uma busca por novas técnicas, mas, por novas metodologias, reflexões e um repensar diário, para que os objetivos da formação contínua seja uma atividade prazerosa e enriquecedora para a práxis diária. À medida que os desafios e questionamentos se fazem presente nas salas de aula, ao mesmo tempo, se descobre que tais práticas precisam ser (ré) significadas, tornando-se efetivamente necessária a busca por uma melhor qualificação. Nesse cenário a discussão acerca da formação continuada reafirma que o professor precisa perceber sua função, frente aos desafios diários de uma escola.

No que diz respeito, as contribuições para os profissionais da educação, é preciso que a formação aconteça a partir de iniciativas das instituições e em seguida dos próprios professores, para que estes em parceria deem sentido e significado ao processo de ensino, promovendo assim uma melhor qualidade quanto aos objetivos propostos. Nas palavras de Glat e Nogueira (2002 *apud* Mantoan 2006, p. 63) afirma que:

As políticas públicas para a inclusão devem ser concretizadas na forma de programas de capacitação e acompanhamento contínuo, que orientem o trabalho docente na perspectiva da diminuição gradativa da exclusão escolar, o que visa a beneficiar não apenas os alunos com necessidades especiais, mas, de uma forma geral, a educação escolar como um todo.

É possível oferecer uma educação de qualidade para todos, a partir dos questionamentos acerca das práticas diárias, refletindo e repensando cada aula. A prática desse exercício ajudaria no processo de construção do conhecimento dos sujeitos.

É preciso que o professor reflita sobre sua própria prática e passe a buscar novos meios de melhorar e qualificar o ensino, tendo a formação continuada como um dos elementos constitutivos de sua prática cotidiana.

Quanto à formação continuada, Mantoan (2006, p. 54 e 55) afirma que:

No caso de uma formação inicial e continuada direcionada à inclusão escolar, estamos diante de uma proposta de trabalho que não se encaixa em uma especialização, extensão ou atualização de conhecimentos pedagógicos. Ensinar na perspectiva inclusiva, significa ressignificar o papel do professor, da escola, da educação e de práticas pedagógicas que são usuais no contexto excludente do nosso ensino, em todos os níveis.

A partir do momento em que a escola passa a se preocupar em atender toda a demanda de alunos, um novo diferencial passa a fazer parte da estrutura escolar. A perspectiva inclusiva é fazer com que os profissionais estejam preparados e sempre buscando atualizar seus conhecimentos para que a escola esteja aberta para receber o público diferenciado e, só assim poderá dirimir a exclusão dos muros escolares.

Se a criança precisa de atendimento especializado, não quer dizer que esta precisa sair do convívio das outras crianças, mas sim, ter o atendimento pelo qual ela necessita em um contra turno e, o que está sendo trabalhado em sala de aula é para todas as crianças, sem nenhum tipo de segregação. No entanto, o professor precisa estar atento para as diferentes formas de aprender de seus alunos e montar estratégias de ensino diversificado, que possa favorecer as aprendizagens individuais.

Diante das inúmeras Dificuldades de Aprendizagem enfrentadas ainda hoje em dia na escola, o professor não consegue atender a esta demanda sem buscar uma qualificação e atuar frente a essa realidade. Nas palavras de Glat e Nogueira (2002 *apud* Mantoan 2006, p. 60) “oferta de uma formação que possibilite aos professores

analisar, acompanhar e contribuir para o aprimoramento dos processos regulares de escolarização, no sentido de que possam dar conta das mais diversas diferenças existentes entre seus alunos”.

Para tanto, é esse o objetivo da formação continuada, fazer com que esses profissionais reflitam sobre sua própria prática para que consigam acompanhar e contribuir efetivamente com um ensino de qualidade. Dessa forma, percebe-se o relevante valor da prerrogativa instituída no PNE, quando afirma que os profissionais da educação terão de buscar uma formação continuada, para que estes possam dar significado ao seu papel diante dos desafios presentes no campo educacional.

### 3. PERCURSO METODOLÓGICO

Diante da necessidade da pesquisa no campo educacional, buscar respostas para as indagações que permeiam o âmbito escolar, permite que façamos reflexões e conseqüentemente aprofundarmos o conhecimento acerca das novas temáticas que surgem cotidianamente.

Nessa perspectiva, nas palavras de Minayo (1994, p.16) “Nada substitui [...] a criatividade do pesquisador”. Com isso, compreendemos a relevância do papel do pesquisador, uma vez que estar, frente a frente com os sujeitos e suas questões a serem estudadas. Conforme afirma Minayo (1994, p.17) “Entendemos por pesquisa a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo.” Portanto, é uma prática necessária para subsidiar a realidade.

A pesquisa foi realizada na Cidade de Sousa-PB, em uma Instituição de ensino, que funciona em parceria com o município, com o Estado, com doações e ajuda dos pais. Atende cerca de um mil e quinhentos (1.500) alunos, nos turnos (manhã e tarde), com Pré-escola, Ensino Fundamental I e II.

Sabendo que a pesquisa exige fundamentos metodológicos, delineou-se o estudo em questão: Qual a percepção dos professores de uma escola filantrópica na Cidade de Sousa-PB, sobre os fatores relacionados ao processo de aprendizagem dos alunos?

Optamos por uma pesquisa qualitativa, que prima pela qualidade dos dados obtidos. Conforme descreve Minayo (1999, p. 21) “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”.

É uma pesquisa descritiva e de campo, para obter uma aproximação dos fatos pesquisados, nas palavras de Marconi e Lakatos (2010, p.169), “Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los”.

O *locus* da pesquisa foi uma escola filantrópica situada na Cidade de Sousa-PB. A população é formada por sessenta e três professores. Conceituando população, conforme salienta Marconi e Lakatos (2010, p. 206) [...] “população é o conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum”. Portanto, uma das características em comum, é que são todos docentes de uma mesma instituição.

No que se refere a amostra, foram escolhidas cinco professoras pela diretora, segundo ela pela disponibilidade de tempo daqueles docentes que ali lecionam. Marconi e Lakatos (2010, p. 147) afirmam que “A amostra é uma parcela convenientemente selecionada do universo (população); é um subconjunto do universo”. Foram preservadas as suas identidades e, escolhemos como identificação para seus respectivos nomes (P 01, P 02, P 03, P 04 e P 05), tendo como critério a sequência das entrevistas para a análise dos dados.

Como instrumento de coleta de dados utilizamos uma entrevista semi-estruturadas com cinco professoras, todas do sexo feminino, sendo utilizadas dez questões como roteiros de perguntas, com o objetivo de estabelecer um contato direto com os sujeitos. De acordo com Marconi e Lakatos (2010, p. 178) “A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. Nesse sentido, as entrevistas foram os subsídios necessários para serem analisadas.

Conforme a realização da coleta de dados, as entrevistas foram transcritas fielmente. A análise e categorização dos dados foram apresentadas em forma de quadros.

Considerando a metodologia como meio de compreensão da realidade a ser estudada, compreendemos que tais elementos escolhidos facilitaram significativamente para a realização do estudo em questão, haja vista, as possibilidades de problematizar temas e questões pertinentes para o desenvolvimento das práticas educativas, mais precisamente a necessidade de repensar as metodologias utilizadas em sala de aula para com os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem no âmbito escolar.

#### 4. ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS DADOS

Os dados coletados com os sujeitos estão apresentados em forma de quadros e foram sistematizados com vistas a responder o objetivo geral da pesquisa. Iniciamos nossa entrevista questionando sobre a aprendizagem geral das crianças na visão dos professores.

Quadro 1 – Percepção sobre a aprendizagem das crianças

CATEGORIA	DISCURSO
Percepção positiva	<p>“... Eles aprendem através da motivação e da metodologia que a gente aplica em sala de aula”. (P 03)</p> <p>“... É bem diversa, porque cada um tem uma aprendizagem diferente”.(P 05)</p> <p>“... Inicialmente eles aprendem é, ouvindo é claro nossas explicações e, também exercendo atividade prática”. (P 04)</p>
Percepção negativa	<p>“... São lentos”. (P 01)</p> <p>“... São dispersos”. (P 02)</p>

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora (2016).

Ao perguntar as professoras como as crianças aprendem, notamos que das cinco, três possuem uma percepção positiva da aprendizagem das crianças, enquanto que, duas tem uma percepção negativa. Percebemos que quanto à percepção positiva, as professoras entendem que os alunos precisam de metodologias adequadas, que cada criança aprende de maneira diferente.

40% das professoras acreditam que com relação à aprendizagem as crianças são lentas e são dispersas. Não perguntamos sobre as crianças com dificuldades de aprendizagem, a pergunta era aberta e buscava compreender a visão de aprendizagem das professoras. Contudo, esperava-se que as professoras tivessem a visão de que as crianças são lentas por algum motivo específico, ou seja, investigar esse fato curioso, dando oportunidade para que essas crianças aprendam.

Nesse sentido, conforme salienta Campos (1986, p. 40) “A atividade do professor oferece também muitos problemas de caráter científico, como seja o fator relativo aos progressos didáticos, à medida dos produtos da aprendizagem, a motivação e direção da aprendizagem, os meios de ensino etc.”.

As professoras afirmam que os alunos aprendem através das explicações e das atividades práticas. Em tese, concordamos com essa afirmação. No entanto, é preciso estar atento, para que essas explicações e essas atividades práticas não se tornem uma prática do fazer pelo fazer, uma repetição que não viabiliza aprendizado para estes alunos, já que o processo de aprendizagem numa perspectiva construtivista, requer o uso de novas estratégias, possibilitando assim a aprendizagem por descoberta, por questionamentos e pela flexibilidade de trabalhar os conteúdos em sala de aula, propondo aos alunos a oportunidade de questionar sua própria realidade.

Quanto à percepção negativa, podemos compreender que as professoras entendem que crianças são dispersas e que são lentas, não conseguem aprender. De certo modo esses fatores contribuem para a não aprendizagem. Mas, podemos perceber que a concepção dos professores sobre a aprendizagem dos alunos é a seguinte: quando tudo está bem é o professor o responsável pelo sucesso, mas quando o aluno não aprende, a culpa é tão somente dele.

Quando as professoras afirmam que a criança não aprende por ser dispersa e lenta, é muito relativo, porque uma criança pode se distrair por muitos motivos, inclusive por causa da metodologia do professor. É preciso que as aulas contemplem estímulo e curiosidade, para que as crianças consigam permanecer atentas ao conteúdo explicado.

Para compreendermos melhor essa discussão Pfromm (1987, p. 1) vem dizer que: “Aprendizagem e ensino são processos intimamente ligados entre si, como as duas faces de uma moeda. Correspondem às atividades fundamentais que ocorrem dentro das escolas, de modo sistemático, planejado, deliberado”.

Portanto, exige planejamento, elaboração de atividades, uma série de tomada de decisões que implicam no processo de aprendizagem dos educandos, oferecendo sempre a flexibilidade de questionamentos entre os alunos, sem exigir respostas prontas, deixando que os discentes construam seu pensamento crítico.

A aprendizagem não depende somente do aprendiz, existem mecanismos capazes de despertar no aluno a curiosidade e o estímulo para facilitar o processo de aprendizagem. O professor enquanto agente articulador do conhecimento precisa

envidar propostas de atividades que despertem nos alunos a capacidade de construir seus conceitos. A percepção que o professor possui sobre a aprendizagem dos alunos também é um fator importante para a aprendizagem destes. Pois, se acreditamos que vamos ter sucesso em uma atividade nos dedicamos mais. A crença de que as crianças são lentas e dispersas também pode ser um fator para a não aprendizagem.

Ao questionar as professoras sobre quais fatores que interferem na aprendizagem, tivemos as seguintes respostas:

Quadro 2 – Fatores que interferem na aprendizagem das crianças

CATEGORIA	DISCURSO
Características da criança/família	“... às vezes o aluno tem problemas em casa... e também tem a questão da indisciplina”. (P 05) ... “É a falta de estrutura familiar, é a violência, a falta de preparação e a questão da maturidade”. (P 03) “...A falta de atenção”. “A família tem que fazer sua parte”. (P 04)
Formação do professor	“... Um professor capacitado em Pedagogia, psicopedagogia, já tem uma outra visão do aluno”. (P 02) “... Trabalho realizado pelo professor”. (P 04)
Recursos Disponíveis	“... assim, a questão de materiais né, que a maioria das escolas não tem”. (P 01)

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora. (2016)

Os fatores que interferem na aprendizagem, citados pelas entrevistadas, são as características das crianças/ famílias, à formação do professor, e os recursos disponíveis para facilitar o trabalho do professor. O argumento de algumas professoras de fato é louvável, quando reconhecem que o professor precisa de formação, de materiais para trabalhar com as crianças.

Esses fatores estão imbricados com a aprendizagem das crianças. No entanto, os professores não mencionam que existem tantos outros fatores que interferem na aprendizagem, a citar o próprio contexto social, afetivo e metodológico. Como também, deixar a criança negligenciada do processo de aprendizagem, pelo fato da criança não está acompanhando as atividades. Esse fator é um agravante para as crianças com dificuldades de aprendizagem.

Nesse sentido, segundo Pfromm (1987, p. 9) o professor precisa reconhecer, [...] “Os fatores e condições que facilitam a aprendizagem e os que podem

dificultá-la ou impedi-la, e como verificar se os alunos efetivamente aprenderam o que lhes foi ensinado”.

Para a P 02, ela reconhece que quando um professor tem uma formação, ele já passa a ter outra visão do aluno. De fato, quando o professor busca a formação como possibilidade de repensar suas propostas de atividades para promover ensino e aprendizagem aos alunos, para inseri-los nas produções e evitar assim que este venha fracassar ou desistir do processo de aquisição do conhecimento.

Quanto aos recursos disponíveis, a P 01, fala que as escolas não disponibilizam materiais, elencando assim como um fator que interfere na aprendizagem. Já a P 03 menciona a estrutura familiar, violência, como também a maturidade das crianças. Podemos perceber que a P 03, cita vários fatores que podem ser responsáveis por interferir na aprendizagem das crianças, enquanto que a P 01, cita apenas a falta de material para trabalhar. Esse fator realmente pode interferir, mas não será o único e nem o mais preocupante, ou seja, o professor pode recorrer aos próprios materiais escolares dos alunos, explorar o próprio ambiente escolar para promover a aprendizagem na sua complexidade. A P 05 cita os problemas que as crianças trazem de casa e também a indisciplina. No caso da indisciplina, a própria escola, poderia planejar e averiguar, para saber realmente o que vem ocasionar essa realidade na escola, para assim minimizar os possíveis fracassos na aprendizagem dos alunos.

Na sequência das questões, foi perguntado sobre qual deve ser a postura do professor para que um aluno aprenda.

Quadro 3 – Postura do professor para facilitar a aprendizagem

CATEGORIA	DISCURSO
Fatores Metodológicos	<p>“...abrir um leque de possibilidades... moldar o planejamento”. (P 04)</p> <p>“...tem que ter a metodologia, né”. (P 03)</p> <p>“...Então é importante que a gente tenha uma metodologia dinâmica e atrativa, que chame a atenção deles”. (P 05)</p>
Dedicação do professor	<p>“O professor tem que se adequar... tem que tá buscando, tem que tá buscando maneira de seu aluno aprender, tem que passar por todas as etapas e não desistir dos alunos, da educação, né gente”. (P 02).</p> <p>“É, tá sempre em busca, para nunca dizer assim, eu já fiz, eu já fiz tudo por ele e não consegui, acho que a gente nunca faz tudo, né? Sempre tem uma brechinha, pra gente pelo menos tentar, fazer com que ele desenvolva um bom trabalho”. (P 01)</p>

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora. (2016)

As professoras se reportaram a fatores metodológicos e a dedicação como fatores que facilitam a aprendizagem da criança. A professora P 04, diz que é preciso abrir um leque de possibilidades e moldar o planejamento. Esta mesma professora possui uma percepção positiva sobre a aprendizagem das crianças. As professoras 3 e 5 também se colocam como influenciadoras do processo de ensino/aprendizagem e afirmam que as metodologias podem despertar na criança o desejo em aprender.

Já as professoras P 02 e P 01, afirmaram para *não desistir dos alunos* e que sempre tem uma brechinha. É como se o aluno fosse responsável pelo seu fracasso. Quando a professora P 01 finaliza dizendo: *pelo menos tentar fazer com que ele desenvolva um bom trabalho*. Novamente compreendemos que o professor pode tentar, mas não quer dizer que será satisfatória essa tentativa, é como se o aluno estivesse ali para aprender, mas caso não consiga um resultado positivo, não há nada que se possa fazer. Estas professoras são as mesmas que afirmam que as crianças são lentas e dispersas.

Nas palavras de Freire (2014, p. 56) [...] “O educador que, ensinando geografia, “castra” a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se”.

A memorização dos conteúdos não contribuiria para a efetivação de ensino e aprendizagem. Nenhuma professora citou que os trabalhos em grupo e atividades que despertem na criança suas próprias conclusões sobre o assunto, sem ter que repetir o que está no livro didático foi apontado como estratégias que facilitem o processo de aprendizagem.

O quadro a seguir apresentará de maneira geral o que as professoras acreditam que são características comportamentais associadas à maior ou menor facilidade no processo de aprendizagem.

Quadro 4 – Características dos alunos que aprendem com mais facilidade e características dos alunos que aprendem com mais dificuldade

CATEGORIA	DISCURSO
Características dos alunos que aprendem com mais facilidade	<p>“... os alunos que aprendem rápido apresentam geralmente essas características, primeiro: de participar, de prestar atenção”. (P 04)</p> <p>“... Fazem todas as atividades de casa, perguntam”. (P 03)</p>
Características dos alunos que aprendem com mais dificuldade	<p>“... A auto estima dele é bem pra baixo mesmo, eles ficam ali no lugarzinho deles sem participar da aula”. (P 05)</p> <p>“... Isso é uma coisa muito relativa, mais geralmente o aluno que não aprende, a gente percebe, ele é um pouco desligado, tudo o que você pergunta, ele sempre diz que não sei, não entendi”. (P01)</p> <p>“... não prestam atenção”. (P 04)</p> <p>“... os que não aprendem são aqueles que não participam, não fazem atividades, atrapalham os colegas, ele fica oscilante”. (P 03)</p>

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora. (2016)

Quando perguntamos quais as características dos alunos que aprendem com mais facilidade e as características dos alunos que aprendem com mais dificuldade, tivemos um quadro com as respectivas respostas, em que prioritariamente afirmam que esses alunos já têm suas características e comportamentos específicos. Segundo as professoras, essas características são bem visíveis.

Diante das respostas das professoras, foi analisado que, criança que aprende com mais facilidade fazem as atividades, participam e questionam. A criança que aprende com mais dificuldade, não faz atividade, tem uma auto-estima baixa, atrapalham os colegas, e não respondem aos questionamentos feitos pelos professores. Identificamos que as professoras apontam as características das crianças como sendo causa e consequência. Ex: A criança não aprende por ter baixa auto-estima e tem baixa auto-estima por não aprender.

Um fato interessante é que nenhuma apontou a dificuldade de aprendizagem com a capacidade cognitiva, no entanto não falaram sobre aspectos sociais e culturais da criança, nem sobre os aspectos relacionados com a personalidade dos mesmos. Ex: serem mais curiosos, ou serem mais independentes.

Será que podemos resumir a aprendizagem à cópia de textos, decoreba, o fazer pelo fazer? Nas palavras de Campos (1986, p. 32) é preciso ter cautela, já que:

[...] A pessoa não versada em psicologia, pode ter a tendência a conceber a aprendizagem como significando apenas adquirir habilidade em leitura, escrita, conhecimentos de geografia, história etc. Trata-se de uma concepção estreita de aprendizagem, que é muito mais que isso! As pessoas aprendem os valores culturais; aprendem a desempenhar papéis de acordo com o sexo; aprendem a amar, a odiar, a temer, e a ter confiança em si mesmas; aprendem a ter desejos, interesses, traços de caráter e de personalidade.

Para tanto, podemos compreender que as professoras tendem a resumir a aprendizagem dos alunos aos seus comportamentos em sala de aula e a concretização das atividades, afirmando que geralmente são desligados e não conseguem responder aos questionamentos. De acordo como afirma Campos, a aprendizagem não só estar relacionada aos escritos e a leitura, aprendizagem engloba todo o conjunto de ação e reação do aprendiz. Será que as crianças estando desligadas, não seriam uma oportunidade de repensar o motivo que os levam a se comportarem dessa forma? A solução seria criar uma rotina de estímulo à participação de todos nas atividades. Que motivos existem para as crianças não realizarem as atividades em sala?

Nenhuma professora demonstrou ter conhecimento das dificuldades de aprendizagem de forma específica, nenhuma mencionou características das crianças relacionadas à dislexia, disgrafia ou discalculia, o que demonstra que as mesmas não conseguem relacionar os problemas de aprendizagem das crianças com fatores específicos do processo de aquisição do conhecimento destas crianças. As respostas são generalistas e não focam em problemas de decodificação da linguagem, nem tampouco sobre a realização de compreensão de problemas matemáticos que envolvem leitura.

Dando continuidade aos questionamentos, teremos o quadro 5, que traz como questão os fatores relacionados a pouca aprendizagem dos alunos com dificuldade de aprendizagem.

Quadro 5 – Fatores relacionados a pouca aprendizagem dos alunos com dificuldades de aprendizagem

CATEGORIA	DISCURSO
Âmbito familiar	<p>“...a questão do âmbito familiar, que hoje em dia nós sabemos que a maioria das famílias são desestruturadas né, a maioria são pais separados, ou então, os pais vivem em atritos dentro de casa”. (P 01)</p> <p>“...a falta de acompanhamento dos pais”. (P 04)</p>
Características negativas dos alunos	<p>“...eles não conseguem resolver os cálculos... não conseguem resolver situações problemas, mesmo você trabalhando todos os dias em sala de aula, eles não conseguem assimilar o que você quer que eles alcancem”. (P 03)</p> <p>“...eu creio que a falta de atenção, é um dos fatores”. (P 04)</p> <p>“...Hoje, a gente vê uma variedade de déficit, de deficiências relacionadas à aprendizagem, então é importante que o professor, ele possa, diagnosticar de início as dificuldades que os alunos têm”. (P 05)</p> <p>“...Conversei com a mãe dele e ela disse: a mesma dificuldade que você tá vendo na sala de aula, eu também, há tempos que estou vendo...ele tem a maior dificuldade, ele consegue fazer pouco, aí usa os dedinhos e faz aquela coisa”. (P 02)</p>

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora. (2016)

Escolhemos como categoria de análise o âmbito familiar e as características negativas dos alunos, já que as professoras mencionaram como fatores relacionados a pouca aprendizagem dos alunos os problemas que eles vivem em casa, como também, a falta de atenção, o não acompanhamento dos pais nas atividades.

As professoras P 01 e P 04, afirmaram que as famílias estão desestruturadas, vivem em atritos e estes não acompanham seus filhos. Foi também observado que as professoras P 03, P 02, P 05 e P 04, se reportaram às características negativas dos alunos, citando a incapacidade de não conseguir resolver as situações problemas, e que todos os dias são repetidos as atividades, mas eles não conseguem assimilar, sendo mencionados as deficiências e os déficits que os professores precisam diagnosticar. Percebemos que as professoras não citam as dificuldades de aprendizagem como sendo um fator.

Podemos observar que tais fatores, podem agravar as dificuldades de aprendizagem. O professor ao observar o desempenho dos alunos, ao invés de ver essa criança como sendo o responsável pelo seu fracasso, poderia utilizar estratégias que pudessem minimizar os problemas.

Segundo Martinelli (2001, p. 116) é necessário:

[...] propiciar um ambiente favorável à aprendizagem em que sejam trabalhados a auto-estima, a confiança, o respeito mútuo, a valorização do aluno, sem contudo esquecermos da importância de um ambiente desafiador, mas que mantenha um nível aceitável de tensões e cobranças, são algumas das situações que devem ser pensadas e avaliadas pelos educadores na condução de seu trabalho.

Quando as exigências não estão de acordo com o nível de desenvolvimento das crianças, esse ambiente não propicia motivo algum para que a pessoa se sinta estimulada e curiosa para se envolver com aquela realidade nova. Um ambiente novo, por si só já é enfrentado com insegurança e, quando esse algo novo não corresponde às expectativas dos educandos, é provável que essa pessoa não tenha interesse por aquela realidade.

Para estas professoras as crianças apresentam dificuldades por características delas mesmas ou de suas famílias e não se colocam como fazendo parte do problema. Também mencionam a falta de atenção como fatores que podem agravar ainda mais a dificuldade de aprendizagem. Nesse ponto de vista, segundo Boruchovith (2001, p.42) é preciso compreender que:

[...] “as dificuldades de aprendizagem só podem ser entendidas na complexa interação entre os fatores intra e extra-escolares, requerendo intervenções tanto no âmbito do aluno, das práticas pedagógicas e de formação de professores, quanto no âmbito de mudanças mais amplas de natureza política, econômica e social.

Para tanto, é preciso analisar quais fatores realmente estão relacionados a pouca aprendizagem. Vários fatores podem estar relacionados a pouca aprendizagem, o fato é que essas crianças aprendem e, precisam de métodos diferenciados para a aquisição do conhecimento.

Gomes e Téran (2014, p. 97) afirmam que: “Há uma multiplicidade de fatores que intervêm para o surgimento de um baixo rendimento escolar como resultado do processo de aprendizagem.”

Diante dessa afirmação, compreendemos que são vários fatores que podem influenciar para que um aluno tenha um baixo rendimento. O erro não é reconhecer os fatores que interferem, e sim afirmar que a criança não é capaz de aprender. Essa é tarefa para os especialistas, o professor acompanha seu aluno e encaminha quando necessário para um profissional da área.

Na sequência das questões, analisaremos a visão dos professores de forma geral sobre a inclusão.

Quadro 6 – Visão geral sobre a inclusão

CATEGORIA	DISCURSO
Características positivas	<p>“...mais que teve um bom avanço né, nós tamo na luta né, cada um tem que fazer sua parte né, de certa forma”.(P 01)</p> <p>“Acredito que a inclusão hoje ganhou a voz”. (P 03)</p> <p>“...mudou muita coisa, porque antes a gente não tinha os recursos que a gente tem hoje”. (P 02)</p> <p>“...muita coisa foi mudada...inclusive a nossa escola é referência na nossa cidade... temos um público bem diverso e temos qualificados para atender esses alunos”. (P 05)</p>
Características negativas	<p>“Foi um avanço né, mais nós sabemos que ainda existe muitas coisas ainda a desejar...o sistema ele impõe né, que as escolas aceitem crianças né, só que não dá suporte”. (P 01)</p> <p>“...eu acho que houve uma melhora em relação às leis... o processo de inclusão às vezes ele ocorre do ponto de vista legal, mas dentro das salas de aula, nem sempre”. (P 04)</p>

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora. (2016)

Questionamos sobre a inclusão, qual a visão das professoras de um modo geral. Como categoria, escolhemos as características positivas e negativas na concepção das professoras. Ficou bem evidenciado que as professoras percebem os avanços da inclusão, se referindo as características positivas, como: a inclusão ganhou voz, que também tem que ter a participação de todos, e que a própria escola em que atuam é lugar de referência quanto à inclusão.

Já as outras professoras mencionaram a inclusão como sendo algo que ainda existe somente no papel, do ponto vista da concretude em sala de aula para essas professoras, a inclusão deixa a desejar, afirmando que o sistema exige, mas não dá o suporte necessário para atender os alunos.

Segundo a autora Mantoan (2006, p. 16) vem dizer que:

Os sistemas escolares também estão montados a partir de um pensamento que recorta a realidade, que permite dividir os alunos em normais e deficientes, as modalidades de ensino em regular e especial, os professores em especialistas nesta e naquela manifestação das diferenças.

Na realidade, os sistemas escolares ainda têm essa visão, rotulam os alunos de acordo com suas necessidades.

Diante dos relatos das professoras, ao buscar uma compreensão na LDB 96. (BRASIL, 2012, p. 33) no (art. 59, I) diz que: Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais; currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades;

Conforme sugere a LDB, serão necessários que os professores repensem seus currículos, métodos e técnicas, para atender as necessidades dos alunos, sem necessariamente separar os alunos, nem tampouco tornar-se um especialista para ensinar. Não é o sistema que vai trazer a receita pronta para os desafios diários, mas será o professor em sala de aula que será capaz de ver seus alunos com suas especificidades, oferecendo oportunidade a todos. A visão das professoras com relação à inclusão, é que ela acontece somente perante a Lei, não a cita própria como parte principal dessa realidade, ou seja, a partir dela própria começar a exigir e cumprir o que está garantido por Lei.

Prosseguindo com as questões, o quadro 7, apresenta a percepção das professoras sobre as capacitações.

Quadro 7 – Percepção sobre as capacitações

CATEGORIA	DISCURSO
A formação como uma necessidade para os professores	<p>“... sempre que dá, a escola nos beneficia com essas capacitações... se você não busca uma capacitação, se você não tem uma formação não tem como você trabalhar”. (P 01)</p> <p>“... a gente sabe que nessas capacitações eles não conseguem solucionar os problemas, mas há métodos que a gente consegue adequar na sala de aula”. (P 03).</p> <p>“... então assim, a formação continuada eu acho de grande importância... porque o professor se beneficia muito, se o professor realmente se interessar pra o que eles realmente orientam”. (P 04)</p> <p>“... acho importante o professor... buscar meios para reforçar cada vez mais o seu aprendizado”. (P 05)</p>
A formação como uma garantia de trabalho	<p>“... hoje você tem que estudar, ser capacitado... porque se você não correr atrás, você não fica mais em sala de aula”. (P 02)</p>

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora (2016).

Foram observadas duas categorias: as professoras veem as capacitações como uma necessidade, enquanto que a professora P 02 vê a formação como uma garantia de trabalho.

“A professora P 03, afirma que as capacitações não conseguem solucionar os problemas, mas que oferece métodos para adequar à sala de aula.” Para tanto, como bem sabemos, as capacitações têm o seu objetivo maior, que é discutir os problemas que circundam em sala de aula juntamente com os professores, para que eles possam refletir sobre sua prática diária, questionarem os métodos pelos quais estão utilizando. Enfim, a capacitação não deve ser pensada como uma receita para ser copiada e em sequência ser manipulada tal qual como manda.

Nas palavras de Mantoan (2006, p. 60) vem dizer que: “Todo plano de formação deve servir para que os professores se tornem aptos ao ensino de toda a demanda escolar”.

Não quer dizer que os professores irão buscar formações para tornarem especialistas, mas para poder quebrar as barreiras postas pela própria escola, inovando seus conceitos quanto aos objetivos propostos pela formação, trazendo suas novas experiências para facilitar essa troca de conhecimentos entre professor e aluno. A capacitação propõe reflexão, como afirma a professora P 04, *se o professor realmente se interessar para o que realmente eles orientam*. Esse depoimento nos remete que a capacitação está aí, vai depender do professor, se ele se interessar com certeza sua prática fará a diferença. Quanto à fala da professora P 02, *hoje você tem que estudar ser capacitado, porque se você não correr atrás, você não fica mais em sala de aula*.

O que se observa, não é a busca por uma oportunidade de enriquecer seu trabalho, suas aulas, mas a necessidade de um certificado que vai dizer que você é capacitado para trabalhar, garantindo um local de trabalho por um simples certificado.

A busca pela capacitação como uma garantia de trabalho, não contribui na rotina diária de um professor, que tem essa visão da capacitação.

Nas palavras de Mantoan (2006, p. 52) “A maioria dos professores ainda tem uma visão funcional do ensino. Esse profissional tem o falar, o copiar e o ditar como recursos didáticos- pedagógicos básicos”.

Para tanto, essas técnicas não condizem com a realidade de um professor que almeja produzir estratégias enriquecedoras que propiciem ensino e aprendizagem, já que, o falar, o copiar e o ditar não conseguem dar conta do público-alvo: o aluno.

A professora P 05 se refere à capacitação como: *uma busca para reforçar seu aprendizado*. Imbernóm (2006, p. 49) vem dizer que:

A formação terá como base uma reflexão dos sujeitos sobre sua prática docente, de modo a permitir que examinem suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes etc., realizando um processo constante de auto avaliação que oriente seu trabalho.

Nesse sentido, podemos observar que a concepção das professoras não condiz com os objetivos propostos pelos autores quando se referem às formações continuadas, haja vista, a necessidade de repensar sobre sua prática e está cotidianamente revendo suas teorias.

A seguir traremos o quadro 8, que apresenta quais os temas discutidos nas capacitações.

Quadro 8 – Temas discutidos nas capacitações

CATEGORIA	DISCURSO
Inclusão	<p>“... autismo, braile, libras, dos intelectuais mesmo... na minha área eu busco mais a questão da surdez”. (P 01)</p> <p>“Muito, muito autismo, os déficits de aprendizagem, a libras”. (P 02)</p> <p>“... indisciplina, inclusão”. (P 03)</p> <p>“... discute-se vários temas, inclusive a inclusão”. (P 04)</p>
Leitura	<p>“... a importância da leitura... A importância do aluno como sujeito crítico reflexivo”. (P 05)</p>

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora. (2016)

Ao observar o relato das professoras ficou evidenciado que os temas discutidos nas capacitações, deixam um pouco a desejar, isso porque, compreendemos que os temas elencados pelas professoras estão voltados para como atender as necessidades dos alunos, como se fosse uma busca por conhecimentos específicos, uma especialização, sendo esse discurso observado nas falas das professoras P 01, P 02, P 03, P 04.

Qual será o verdadeiro sentido da formação continuada?

Os professores precisam buscar a capacitação como alternativa para refletir e repensar suas aulas, seus métodos, suas tentativas que deram errado. Seria uma maneira assertiva de reconhecer a formação em sua total dimensão. Quanto à formação continuada, Mantoan (2006, p. 53) afirma que:

[...] Eles esperam uma preparação para ensinar os alunos com deficiência e/ ou dificuldades de aprendizagem e problemas de indisciplina, ou melhor, uma formação que lhes permita aplicar esquemas de trabalho pedagógico predefinidos a suas salas de aula, garantindo-lhes a solução dos problemas que presumem encontrar nas escolas ditas inclusivas.

Nesse sentido, conforme as orientações de Mantoan, a formação nada tem a ver com o que as professoras declararam, sendo que, somente a professora P 05, menciona a leitura como tema discutido nas capacitações, uma forma de tornar o aluno sujeito crítico e reflexivo.

Muito se fala na formação continuada como uma prática necessária, embora a forma pela qual algumas professoras interpretam, não se ajusta ao perfil do verdadeiro sentido que tem a formação. Esperar que as formações ofereçam esquemas para serem aplicados em suas salas de aula, nada mais é que uma arbitrariedade para suas práticas diárias.

Não foram abordadas as dificuldades de aprendizagem, para não induzir as professoras em suas respostas, mas nada foi exemplificado como características de uma criança sendo como dificuldades de aprendizagem, apenas as professoras relatavam que nas que nas capacitações os temas abordavam o autismo, surdez e inclusão, mas nenhuma cita especificamente dislexia, disgrafia, o que nos leva a compreender que essas professoras pouco sabem sobre as dificuldades de aprendizagem, ou que talvez seja a própria escola que negligencia essa realidade, já que podem recorrer à ajuda de outros profissionais, como: psicopedagogos, fonoaudiólogos e psicólogos.

Os alunos com dificuldades de aprendizagem estão fora da educação especial. Não podemos afirmar que alunos com necessidades especiais vão precisar de atendimento para seu desenvolvimento na leitura e escrita, estes alunos podem precisar de algum atendimento no que diz respeito às suas necessidades, mas com relação ao seu desempenho acadêmico é uma contradição tal concepção.

Quando a professora P 01 cita “na minha área”, compreendemos que essa professora busca nas capacitações uma especialização para uma determinada área, conforme outrora citado pela Mantoan. Como buscar formações em uma área específica, se temos um público totalmente diferenciado em nossas salas de aula.

Dando continuidade, o quadro 9, questiona a participação dos professores nas capacitações.

Quadro 9 – Participação dos professores nas capacitações

CATEGORIA	DISCURSO
Características positivas dos professores	“Ah, são bem atentas... é muito importante, tanto para a instituição como também para o professor a formação continuada”. (P 05)
Características negativas dos professores	<p>“... como toda e qualquer capacitação, né... Tem aquele grupo que se destaca e tem aquele grupo que vai só para ter um... digamos, um certificado”. (P 01)</p> <p>“...Acredito, que 50% participam ativamente e os outros 50%, participam aleatoriamente, que vão só por obrigação, vão sem compromisso de adquirir conhecimento, de aprender, de assimilar algo para o seu trabalho”. (P 03)</p> <p>“...Muitas vezes a participação dos professores, a última que eu participei, a gente percebe que 40%, permanece sentado, está ali por estar, não participa, não se abre... grande parcela do professor ainda permanece com aquela mentalidade fechada para o novo, então acho que isso dificulta um pouco”. (P 04)</p>

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora. (2016)

Observando as respostas, apenas a professora P 05, afirmou ser bem atentas. Quanto às outras quatro professoras, seus relatos mostram que buscam as capacitações, mas falta mais compromisso e até mesmo incentivo, quando afirmam que vão apenas para ter um certificado, também foi evidenciado quando a professora P 04, diz que eles permanecem sentados, não participa, não se abrem.

Para explicar o foco da formação Mantoan (2006, p. 56) vem dizer que:

O foco da formação é o desenvolvimento da competência de resolver problemas pedagógicos. Analisa-se, então, como o ensino está sendo ministrado e a construção do conhecimento pelos alunos, pois esses processos interagem, e esses dois lados – ensino e aprendizagem – devem ser avaliados sempre que se quiser esclarecê-los.

Diante dessa constatação, podemos afirmar que a busca pela capacitação não é o que realmente se espera de positivo, estamos diante de afirmações em que retratam uma falsa formação, é sim, uma busca pela capacitação como garantia de certificado.

Essa realidade é bem representada quando Mantoan (2006, p. 57) vem afirmar que: “Tenho verificado com frequência que os cursos e demais atividades de formação em serviço habitualmente oferecido aos professores pelas redes de ensino, nos moldes costumeiros, não estão obtendo o retorno que o investimento propõe.”

De fato, os moldes costumeiros como cita a autora, tem uma relação com os relatos das professoras, quando diz que “grande parcela do professor ainda permanece com aquela mentalidade fechada para o novo”. Dessa forma, podemos afirmar que as professoras não estão preparadas para o que realmente orientam as formações. Como explicar tal comportamento diante de uma formação? Se for este o momento ideal para se discutirem as propostas de atividades.

Finalizamos as questões com o quadro 10, que aborda a exigência da instituição com relação à formação continuada.

Quadro 10 – Exigência da instituição em relação à formação

CATEGORIA	DISCURSO
Visão positiva dos professores em relação à formação	<p>“... então assim, a formação continuada eu acho de grande importância... porque o professor se beneficia muito, se o professor realmente se interessar pra o que eles realmente orientam”. (P 04)</p> <p>“... acho importante o professor... buscar meios para reforçar cada vez mais o seu aprendizado”. (P 05)</p>
A formação como uma garantia de trabalho	<p>“... sempre que dá eu participo... a escola ela oferece né...a escola nos beneficia com essas capacitações... se você não busca uma capacitação, se você não tem uma formação não tem como você trabalhar”. (P 01)</p> <p>“... eu vou porque quero, mais a instituição exige que você se qualifique e busque... hoje você tem que estudar, ser capacitado... porque se você não correr atrás, você não fica mais em sala de aula”. (P 02)</p> <p>“... a gente sabe que nessas capacitações eles não conseguem solucionar os problemas, mas há métodos que a gente consegue adequar na sala de aula”. (P 03).</p>

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora. (2016)

Ao observar a resposta das professoras, ficou evidenciado que somente duas tem uma percepção positiva da formação, e que as capacitações beneficiam suas práticas em sala de aula, mas que estas precisam estar abertas ao que as formações orientam. Já a professora P 02, afirma que a instituição exige a busca pelas formações, e complementa dizendo que: “se você não correr atrás, você não fica mais em sala de aula.” Podemos perceber que esta concebe que a capacitação é uma forma de assegurar seu lugar em sala de aula. Quando a mesma fala “você tem que estudar, ser capacitado”, dá a entender que a busca pela formação parece ser uma forma de atender aos pré-requisitos da instituição, não sendo dela própria um desejo pela busca do aprimoramento de suas inquietações. Imbernóm (2006, p. 39) vem dizer que: “O processo de formação deve dotar os professores de conhecimentos, habilidades e atitudes para desenvolver profissionais reflexivos ou investigadores.” Diante dessa afirmação, será que podemos continuar com essa visão em relação às formações?

Com relação à professora P 03, a mesma afirma que as capacitações não conseguem dar conta dos problemas existentes, mas que existem métodos que eles podem adequar à sala de aula. Neste discurso ficou claro, ela também gostaria que as capacitações trouxessem soluções para os problemas vivenciados em sala de aula. Quanto à professora P 01, seu discurso “sempre que dá eu participo”, e complementa afirmando que: “a escola ela oferece né... a escola nos beneficia com essas capacitações... se você não busca uma capacitação, se você não tem uma formação não tem como você trabalhar”. O que observamos é que a concepção desta professora se resume a concretização de seu trabalho, não vê a formação como uma oportunidade de problematizar e investigar suas inquietações vivenciadas em salas de aula.

Ao buscar uma capacitação justamente para continuar em seu local de trabalho, este professor não reflete acerca de suas práticas. Os objetivos das capacitações são prioritariamente a reflexão e a investigação, alguns professores ainda permanecem atrelados a essa concepção.

Quanto à visão positiva das professoras P 04 e P 05, seus relatos mostram que as capacitações são de grande importância e que os professores se beneficiam com as orientações das capacitações. Nesse sentido, a formação segundo Imbernóm (2006, p. 45) [...] “será legítima então quando contribuir para o desenvolvimento

profissional do professor no âmbito de trabalho e de melhoria das aprendizagens profissionais”.

Para tanto, ficou evidenciado que as capacitações são vistas por parte de algumas professoras como uma técnica que pode ajudar a resolver os problemas de suas salas de aula, e que passa ser de total necessidade essa busca devido às exigências por parte das instituições, para que estas tenham seus trabalhos garantidos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca em analisar como os professores de uma escola da Cidade de Sousa-PB, percebem os fatores relacionados aos processos de aprendizagem dos seus alunos, a presente pesquisa constatou, que a ênfase nos discursos sobre esta temática ainda encontra-se pouco compreendida. Os discursos das professoras são generalistas e não apontam as dificuldades de aprendizagem das crianças de forma específicas. Indicam que os alunos são prioritariamente eles os próprios responsáveis pela não aprendizagem, mas, quando o aluno aprende o sucesso ocorreu por causa do professor. Fica claro que as professoras não conseguem expressar em suas falas que possuem conhecimento específico sobre as características específicas dos problemas de aprendizagem.

Os professores têm uma visão de que os alunos não aprendem porque são lentos e são dispersos, sobretudo porque entendem que suas características são bem visíveis, “eles ficam em seus lugarzinhos, e não participam”, na concepção desses professores estes alunos não têm um rendimento satisfatório. Duas professoras afirmaram que as crianças são lentas e dispersas. Além de culparem as crianças por seus fracassos é um forte indicativo de que os professores não acreditam que podem obter êxito no processo de ensinar. Não é que na análise delas algumas aprendam de forma mais lenta. A percepção é de que no geral as crianças são lentas e dispersas. Não temos como saber se algumas destas crianças realmente apresentam as dificuldades de aprendizagem, mas podemos concluir que mesmo que apresentassem as professoras não conseguiriam identificar tais problemas e planejar atividades que pudesse auxiliar estas crianças. Não é que elas precisam diagnosticar tais problemas, pois poderiam pedir ajuda de outros profissionais que pudessem avaliar melhor qual a dificuldade da criança, para que estas não ficassem negligenciadas do processo de ensino e aprendizagem.

A partir dos resultados registrados verificamos que os sujeitos que participaram dessa pesquisa manifestaram concepções negativas dos alunos quando a aprendizagem é pouca. A pesquisa objetivou também identificar na visão dos professores que fatores interferem na aprendizagem das crianças. Diante disso,

ficou constatado que as professoras entrevistadas, relacionam a pouca aprendizagem dos alunos aos problemas familiares, que as famílias dos alunos são desestruturadas, como também a indisciplina, são fatores que interferem na aprendizagem. Ainda com relação à postura do professor para facilitar a aprendizagem, ficou evidenciado que as professoras reconhecem que é necessário repensar suas metodologias, abrirem um leque de possibilidades e moldar o planejamento. Contudo, em seus relatos os dados mostram que as professoras se remetem aos alunos com uma visão negativa.

Os dados empíricos nos levaram a refletir mais detidamente acerca da busca pela formação, no que diz respeito à concepção dos professores acerca da formação continuada. O que podemos compreender é que a visão das professoras com relação à formação deixa a desejar, isso porque, interpretam que a formação deve contemplar modelos de estratégias para suas atividades em sala de aula. Ainda ficou claro que os sujeitos da pesquisa relacionam a necessidade de uma formação como uma forma de buscar uma especialização em uma determinada área.

A pesquisa realizada nos possibilitou verificar quais os temas discutidos nas capacitações. Foi observado que as professoras em sua maioria afirmaram que as capacitações discutem os temas: autismo, libras, braile, intelectualidade, mas nenhuma professora menciona as dislexias, disgrafias, disortografia e discalculia, fica subentendido que as professoras desconhecem essa problemática. Não foi perguntado especificamente sobre essas dificuldades para não induzir nas respostas das professoras.

A partir desse cenário é possível compreendermos que há uma necessidade de repensarmos nossas concepções acerca das capacitações, haja vista, as oportunidades de problematizar e investigar a realidade de nossas salas de aula. É imprescindível que essas práticas sejam revisadas de acordo com a necessidade de nossos alunos, uma vez que, é um público totalmente diferenciado com singularidades específicas, ou seja, são necessárias mudanças em prol da melhoria da educação, em que seja priorizada a aprendizagem dos educandos. A ausência do tema de dificuldades de aprendizagem nestas formações pode ser um indicativo de que este tema é negligenciado pelos gestores.

Por conseguinte, tivemos a necessidade de averiguar qual a visão dos professores em relação ao processo da inclusão escolar. Seus depoimentos deram ênfase ao sistema, afirmando que este não dá condições para que a inclusão aconteça, e complementaram afirmando que as escolas se sentem obrigadas a receberem todos os alunos.

Reconhecer a importância dessa pesquisa nos propiciou ampliarmos nossos conhecimentos acerca do tema apresentado, haja vista, as discussões que essas temáticas têm mostrado no âmbito educacional devido ao fracasso escolar que afeta o rendimento dos alunos por falta de conhecimento por parte de alguns professores.

Podemos concluir que o estudo com essa temática contribuiu significativamente, uma vez que proporcionou buscar na literatura respostas para as indagações por mim suscitadas e assim mostrar que as crianças com dificuldades de aprendizagem não estão fadadas ao fracasso, elas aprendem, o fato é que precisam de meios diferenciados.

## **REFERÊNCIAS:**

BARCELLOS, Diogo Destro. **Análise das concepções de ensino-aprendizagem de alguns licenciandos de uma universidade particular de São Paulo, SP.** 2010.78 f. TCC (Graduação). Universidade Presbiteriana de Mackenzie, São Paulo.

BARROSO, Daniela Benaion. **Estratégias para estimular o desenvolvimento cognitivo de alunos com dificuldades de aprendizagem:** Material de apoio para professores do ensino fundamental. 2011. 94 f. Dissertação(Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BORUCHOVITCH, E. Dificuldades de Aprendizagem, Problemas Motivacionais e Estratégias de Aprendizagem. In: Boruchovitch, E.; Sisto, F.F.; Fini, L.D.T.; Brenelli, R.P.; Martinelli, S.C... (Org.). **Dificuldades de Aprendizagem no Contexto Psicopedagógico.** Petrópolis- R.J.: Vozes, 2001, v., p. 40-59.

BURKLE, Thaaty da Silva. **Uma Reflexão Crítica Sobre as Edições do Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais-DSM.** 2009. 108 f. (dissertação) Mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação 2014-2024.** (PNE) Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. –Brasília, 2014. 86 p. Disponível em:  
<http://www.observatoriodopne.org.br>. Acesso em: 15/03/16

BRASIL: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:** lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 2012. 44 p. – Disponível em:  
<http://www.riogrande.rs.gov.br>. Acesso em: 27/02/2016

CAMPOS, Dinah Martins de Sousa. **Psicologia da Aprendizagem.** Ed: Vozes. Petrópolis-RJ, 1986. 304 p.

DINIZ, Maria dos Milagres Fernandes. **Um olhar direcionado às dificuldades de aprendizagem.** 2007.79 f. Dissertação (mestrado) Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa.

DROUET, Ruth Caribé da Rocha. **Distúrbios da Aprendizagem.** Ed: Ática. São Paulo, 1997. p. 247

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. p. 141

FONOAUDIOLÓGO, Guia prático de consulta rápida da CID-10 pelo Fonoaudiólogo. **Conselhos de fonoaudiologia**. Brasília-DF, 2007.

GAMA, Maria Gabriela Valente Pinto da. **As dificuldades de aprendizagem da leitura e Escrita/Dislexia- que caminhos a seguir pelos professores do Ensino Básico?** 2013.161 f. Dissertação(Mestrado) Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa.

GOMES, Ana Maria Salgado; TÉRAN, Nora Espinosa. **Transtornos de Aprendizagem e Autismo**. Tradutor: Adriana de Almeida Navarro. São Paulo, ed. Cultural, S.A, 2014, p. 575.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: ed: Cortez. São Paulo, 2006. P. 119

JOSÉ, Elisabete Da Assunção; COELHO, Maria Tereza. **Problemas de aprendizagem**. São Paulo: Ed. Ática, 1991. p. 86 a 97

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica/** Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. Ed: Atlas, São Paulo, 2010. p.297

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** ed. Moderna, São Paulo, 2006. p.64

\_\_\_\_\_, Maria Tereza Eglér. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. (Maria Tereza EglérMantoan, Rosângela GavioliPrieto; ValériaAmorim Arantes, organizadora. Ed: summus. São Paulo, 2006. p.103

MARTINELLI, Selma de Cássia. Os Aspectos Afetivos das Dificuldades de Aprendizagem.In: Boruchovitch, E. Sisto, F.F. Fini, L.D.T.; Brenelli, R.P.; Martinelli, S.C. (Org.). **Dificuldades de Aprendizagem no Contexto Psicopedagógico**. Petrópolis - R.J.: Vozes, 2001, p. 99-121

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. Ciência, técnica e a arte: o desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** / Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Sousa Minayo (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. P. 80

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti: **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo, 1986. p.7 à18

MUÑOZ. Juana, *et.al.* Descrição, Avaliação e Tratamento dos Transtornos da Aprendizagem. In: Vicente, E. Caballo; Miguel, Ángel Simon. **Manual de Psicologia Clínica Infantil e do Adolescente**. Ed: Santos. São Paulo, 2007. p. 159 A 180

PAULO, Maria Fernanda Esteves da Costa. **Dificuldades de Linguagem Oral/Dificuldades de Aprendizagem Atitudes e Representações Sociais de Professores**. 2011.174 f. Dissertação (mestrado) Universidade Lusófona de Pluralidades e Tecnologias Departamento de Ciências Educação, Lisboa.

PFROMM, Netto Samuel. **Psicologia da Aprendizagem e do Ensino**.Ed: Editora da Universidade de São Paulo, 1987. p.160

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. ed: Guanabara, Rio de Janeiro, 1987. p. 389

RODRIGUES, David. **Inclusão e Educação**: Doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo. Ed: Summus, 2006. p. 318

SÁNCHEZ, Jesus Nicasio Garcia. **Dificuldades de Aprendizagem e Intervenção Psicopedagógica**. Porto Alegre. Ed: Artmed, 2004. p. 296

SISTO, Fermino Fernandes. **Dificuldades de Aprendizagem**. SISTO, Fermino Fernandes.Dificuldades de Aprendizagem. In: Sisto, F.F.; Boruchovitch, E.; Fini, L.D.T.; Brenelli, R.P.; Martinelli, S.C. (Org.). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. 1ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001, v. 1, p. 19-39

## APÉNDICE

## Apêndice A - Instrumento de coleta



Universidade Federal  
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores  
Unidade Acadêmica de Educação  
Campus de Cajazeiras - PB



### UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

Aluna: Maria Magna Lins dos Santos

Orientadora: Ane Cristine Hermínio Cunha

Instrumento de coleta

Graduação: ( ) sim ( ) não Qual? \_\_\_\_\_

Especialização: ( ) sim ( ) não Qual? \_\_\_\_\_

Tempo de atuação como docente: \_\_\_\_\_

1. Fale sobre a aprendizagem dos alunos, como eles aprendem?
2. Fale sobre os fatores que interferem na aprendizagem das crianças?
3. Sobre a aula, fale como deve ser a postura do professor para que o aluno aprenda?
4. Sobre o aluno, fale sobre as características dos alunos que aprendem com mais facilidade e dos alunos que aprendem com mais dificuldades.
5. Fale sobre os fatores relacionados a pouca aprendizagem dos alunos com dificuldades de aprendizagem?
6. Qual a sua visão geral sobre a inclusão?
7. Sobre a formação continuada, qual a sua percepção sobre as capacitações?
8. Fale sobre os temas discutidos nas capacitações?
9. Fale como é a participação dos professores nas capacitações?
10. Sobre a formação, é uma iniciativa dos professores ou a instituição exige que os professores busquem formações?

ANEXO

## Termo de consentimento livre e esclarecido



Universidade Federal  
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores  
Unidade Acadêmica de Educação  
Campus de Cajazeiras - PB



Convidamos o (a) S.r. (a) para participar da  
pesquisa \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, sob a  
responsabilidade da pesquisadora-  
\_\_\_\_\_, e  
desenvolver uma pesquisa nesta  
instituição \_\_\_\_\_.

Sua participação é voluntária. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa não existem. Se você aceitar participar, estará contribuindo para o processo educativo de seu filho/a.

Se depois de consentir em sua participação o S.r. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) S.r. (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço UAE campus Cajazeiras.

### Consentimento Pós-Informação

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Assinatura do participante

Impressão do dedo polegar- Caso não saiba assinar

\_\_\_\_\_ Assinatura do pesquisador responsável

